

GUIA DA FLORA DA CERCA DO MOSTEIRO DE TIBÃES

COORDENAÇÃO
LABORATÓRIO DA PAISAGEM



Fundação
Mestre
Casais



UMinho Editora



UMinho Editora



Fundação
**Mestre
Casais**

COORDENAÇÃO

Laboratório da Paisagem

FOTOGRAFIA

Bruno Barbosa

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Manuela Martins

COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO DE ENSAIOS PARA A SUSTENTABILIDADE

José Gomes Mendes

FOTO CAPA

Bruno Barbosa

DESIGN e PAGINAÇÃO

Tiago Rodrigues

Os ícones em Iconografia e as ilustrações incluídas no Capítulo VI foram desenvolvidos pelo Laboratório da Paisagem com recurso à ferramenta de inteligência artificial generativa ChatGPT.

IMPRESSÃO e ACABAMENTOS

Sersilto, Lda.

EDIÇÃO UMinho Editora

LOCAL DE EDIÇÃO Braga 2026

DEPÓSITO LEGAL 568277/26

ISBN 978-989-9350-05-2

ISBN DIGITAL 978-989-9350-06-9

DOI <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.239>

Os conteúdos apresentados (textos e imagens) são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.

© Autores / Universidade do Minho – Esta obra encontra-se sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.

Ensaio para a Sustentabilidade

GUIA DA FLORA DA CERCA DO MOSTEIRO DE TIBÃES

COORDENAÇÃO

**Laboratório
da Paisagem**

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
I	
A FLORA DA CERCA DO MOSTEIRO DE TIBÃES	13
II	
O GUIA	15
2.1. Ficha modelo para cada espécie	16
2.2. A cerca do Mosteiro de Tibães: Um espaço vivo para cuidar e descobrir	20
III	
GLOSSÁRIO	21
IV	
ÍNDICE DE ESPÉCIES	27
4.1. Documentadas em herbário	28
4.2. Espécies de interesse não documentadas em herbário	30
V	
LISTA DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DA FLORA DA CERCA DO MOSTEIRO DE TIBÃES	237
VI	
PERCURSO INTERPRETATIVO NA CERCA DO MOSTEIRO DE TIBÃES	251
VII	
BIBLIOGRAFIA	271
AUTORES	275

MOSTEIRO DE SÃO MARTINHO DE TIBÃES

A fundação do primitivo Mosteiro de Tibães situa-se entre 1070 e 1077, tendo como orago São Martinho de Tours. O seu edificado desenvolve-se sob matriz românica, com a comunidade sujeita à Regra beneditina. Em 1110, os condes D. Henrique e D. Teresa legam a Tibães as terras adjacentes ao mosteiro e outorgam-lhe Carta de Couto, cuja doação estabelece as condições necessárias para o seu desenvolvimento material.

Durante o século XIV, as crises sociais e económicas conduzem à decadência, agravada pelo governo dos comendatários. No entanto, excetua-se a ação do abade comendatário Frei António de Sá, que entre 1530 e 1550 *mandou fazer um dormitório, noviciado e todas as mais oficinas necessárias a uma comunidade viver e governar sem falta dentro da clausura.*

A data de 1565 coincidiu com o final do Concílio de Trento, de onde procedeu a reforma das Ordens Religiosas. Tibães era, nessa data, provavelmente, o único mosteiro beneditino com condições físicas para acolher as decisões tridentinas. Em 1567, foi escolhido para casa-mãe da recém-criada *Congregação dos Monges Negros de São Bento dos Reinos de Portugal*, que integrou 22 mosteiros em Portugal mais 13 no Brasil.

O estatuto de casa-mãe irá dar ao mosteiro um protagonismo crescente. Nos séculos XVII e XVIII, um novo edifício vai substituir o edificado medieval, transformando o Mosteiro de São Martinho de Tibães num dos mais belos conjuntos monásticos do Portugal barroco.

Na cerca conventual, ao longo dos séculos XVII e XVIII, foi-se aumentando a área arável, secando pântanos, *trazendo águas de dentro e fora da cerca*, controlando-as e fazendo-as circular por uma rede de aquedutos e canos de barro e de chumbo. Aqui se cultivaram hortas, pomares, laranjais e olivais.

Nos campos de pão semeavam-se cereais de inverno como o trigo, a cevada e o centeio e de verão, partilhando o terreno com o feijão, o tremçoço, a fava e o milho.

A zona da cerca dedicada à mata foi sendo sucessivamente alargada, obtendo o contorno atual nos finais do século XVIII. Foram milhares os carvalhos, castanheiros e sobreiros que os monges mandaram plantar não só dentro da cerca, mas também nas devesas e maninhos.

A toda esta riqueza e esplendor põe termo a extinção das Ordens Religiosas. Na sequência do Decreto de 28 de maio de 1834, o mosteiro é nacionalizado e os seus bens inventariados e vendidos em hasta pública, com exceção da igreja, sacristia, claustro do cemitério, antigos dormitórios e aposentos do abade geral e parte da cerca (passal), que são entregues para uso da paróquia de Mire de Tibães. Apesar de o edifício conventual ter sido adquirido por António Moura Monteiro em 1864, e a cerca ter sido comprada por José António da Silva Reis em 1838, todo o conjunto já pertencia, em finais do século XIX, ao comendador José António Vieira Marques.

Nos séculos XIX e XX, enquanto propriedade particular, a cerca manteve associada à exploração agrícola a função de quinta de recreio. O uso do espaço modificou-se e toda a cerca assistiu ao desenvolvimento espontâneo da vegetação, o que permitiu o refúgio a muitas espécies da nossa fauna e flora.

Com o andar dos tempos, o mosteiro viria a assistir à delapidação do seu património, à degradação e mesmo à ruína. Desta situação foi resgatado em 1986 através da compra pelo Estado da propriedade em uso privado, com exceção de uma parcela da cerca – a Quinta da Ouriçosa – que continuou na posse dos antigos proprietários.

Inicia-se, nesta data, um novo rumo. Impunha-se de imediato conhecer, salvaguardar e valorizar para o resgatar da sua condição de perda e reabilitá-lo como monumento, devolvendo-o à fruição pública e fazê-lo readquirir o seu “lugar de cultura”.

Iniciou-se, assim, uma vasta intervenção integrada de recuperação, restauro e reabilitação que permitiu a implementação do programa de reuso do Mosteiro, que passa pela presença da Paróquia de Mire de Tibães, continuando o mosteiro a acolher a atividade paroquial. Uma hospedaria, retomando uma função monástica de acolhimento do visitante. O Museu, que centra a sua atividade no conhecimento, na preservação, na divulgação e na dinamização do património do mosteiro e do seu território.

Trabalha-se num projeto que integra vivências, paisagens e arquiteturas do espaço, articulando o percurso “exterior” com o percurso “interior”, tudo isto num quadro de um Museu “aberto”, testemunhando todos os tempos e vivências do Mosteiro.

A importância patrimonial do Mosteiro é reconhecida pelo Governo português, pelo Decreto nº 33 587, de 27 de março de 1944, que o classifica como Imóvel de Interesse Público.

Em 30 de outubro de 2024, através do Decreto nº 5/2024, de 30 de outubro, recebe a classificação de Monumento Nacional.







I

A FLORA DA CERCA DO MOSTEIRO DE TIBÃES

A cerca do Mosteiro de São Martinho de Tibães é um espaço singular, quer pela sua riqueza natural, como pelo valor simbólico e cultural que encerra. Esta área, que abrange aproximadamente 40 hectares, é composta por campos agrícolas, jardins, pomares, matas, muros, tanques, aquedutos, fontes e escadas, todos delimitados por um muro construído no séc. XVIII. Mais do que um simples conjunto rural anexo ao mosteiro, a cerca foi concebida como um espaço multifuncional: lugar de produção, experimentação, contemplação, silêncio e liberdade.

Desde cedo, os beneditinos revelaram uma preocupação ecológica, promovendo o plantio de espécies autóctones, como o carvalho-alvarinho (*Quercus robur*), o sobreiro (*Quercus suber*) e o castanheiro (*Castanea sativa*), fundamentais para a sustentabilidade económica da comunidade monástica.

Hoje, a flora da cerca é uma herança viva dessa história. Até ao momento, foram identificadas 183 espécies de plantas vasculares, distribuídas por 167 géneros e 70 famílias botânicas. Entre estas, encontramos árvores notáveis como o cedro-do-Himalaia (*Cedrus deodara*) e o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), espécies endémicas da Península Ibérica como as esporas-bravas (*Linaria triornithophora*) e a anémone-dos-bosques (*Anemone trifolia subsp. albida*), e várias plantas medicinais que recordam os saberes tradicionais dos antigos boticários monásticos.

A diversidade de habitats – ribeirinhos, agrícolas, florestais, áreas ajardinadas (jardins) e ruderalizados – favorece uma fitodiversidade notável. Espécies como o azevinho (*Ilex aquifolium*), a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*) e o loureiro (*Laurus nobilis*) integram formações relictas dos bosques terciários, conferindo à cerca uma importância ecológica acrescida. Para além disso, algumas espécies estão hoje protegidas pela legislação nacional ou europeia, destacando-se a relevância da sua conservação.

A criação do *Guia da Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães* inscreve-se nesta missão de valorização do património natural. Este guia é um instrumento de conhecimento e de sensibilização, concebido para facilitar a identificação das espécies e promover uma relação mais consciente e respeitadora com este ecossistema. Com ele, pretende-se despertar o olhar dos visitantes para a riqueza botânica da cerca, contribuindo para uma fruição mais plena da paisagem e para a promoção de uma cidadania ecológica ativa.



II

O GUIA

O *Guia da Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães* é uma ferramenta prática e acessível concebida para dar a conhecer a diversidade botânica da cerca do Mosteiro de São Martinho de Tibães. Pensado para um público vasto – desde o visitante curioso ao educador, passando por estudantes ou amantes da natureza –, este guia procura despertar o interesse pelas plantas que povoam este espaço singular, reforçando a ligação entre as pessoas e o património natural.

A obra incide sobre a flora vascular, isto é, as plantas com vasos condutores de seiva, abrangendo três grupos: plantas que não produzem sementes e reproduzem-se por esporos (como é o caso de fetos e licófitos); plantas que produzem sementes, mas não flores (gimnospérmicas, como é o caso das coníferas); e as plantas com flor (angiospérmicas), que representam o maior grupo.

Neste contexto, o guia tem por base um herbário elaborado, em 2011, por Pedro M. C. T. Gomes, estudante de mestrado da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, na sequência de um levantamento de campo meticuloso. Este património científico e cultural está agora espelhado nesta obra, permitindo que todos tenham acesso à identificação da flora da cerca do Mosteiro de Tibães. A partir desse trabalho de base procedeu-se à seleção de 50 espécies vegetais, representativas da diversidade de habitats existentes na cerca. A escolha seguiu um critério orientado para incluir espécies comuns e emblemáticas, facilmente observáveis ao longo dos percursos, que traduzem bem a variedade de formas, cores e funções ecológicas presentes neste espaço.

Ao mesmo tempo, o Guia articula-se com os fins de utilidade pública e os pilares estratégicos assumidos pela Fundação Mestre Casais e pelo Mosteiro de São Martinho de Tibães, promovendo a saúde, a investigação e divulgação científica, a valorização do ambiente e do património natural, bem como a cultura e a qualidade de vida. Neste alinhamento, contribui igualmente para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em particular: ODS4 – Educação de qualidade; ODS11 – Cidades e comunidades sustentáveis; ODS15 – Proteger a vida terrestre.

Cada espécie é acompanhada por uma ficha descritiva, que alia informação científica a uma linguagem acessível. Inclui ainda fotografias do herbário, que permitem observar em detalhe a forma e também a textura das folhas.

No final, apresenta-se a lista das 183 espécies de plantas vasculares já identificadas na cerca do Mosteiro de Tibães, oferecendo ao leitor uma visão abrangente do património florístico deste espaço. O *Guia da Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães* constitui não só um registo científico, mas também uma forma de perpetuar a memória vegetal da cerca, contribuindo para a sua valorização e conservação.

2.1. Ficha modelo para cada espécie

A apresentação de cada espécie está organizada em páginas duplas, combinando uma fotografia na página esquerda com a informação científica e interpretativa na página direita (ver modelo na página seguinte). Esta estrutura permite observar a planta em detalhe, facilitando a identificação das suas principais características. A ficha é antecedida por um separador e, quando aplicável, pela folha de herbário.

NOME COMUM

Nome científico

Descritor

Família

Distribuição nacional

Risco de extinção

Folhagem

J F M A M J J A S O N D

Floração

J F M A M J J A S O N D



Distribuição em Portugal

Descrição

Descrição da ecologia e biologia da espécie, clara e sucinta, destacando os principais elementos distintivos ou clima preferencial.

Usos ou contextualização histórica (Sabia que...)

Usos atuais e históricos ou culturais, que contribuem para um maior conhecimento do papel das plantas na paisagem e na sociedade.



Habitat



Fauna associada



Fungos associados
(árvores/arbustos)
ou
Usos (herbáceas)

Nota: Os ícones representam a associação mais característica de cada espécie no Mosteiro de Tibães. Em muitos casos poderiam existir outras opções (outros habitats, fungos ou fauna associados), mas foi selecionado o que melhor traduz a sua presença e importância no local.

ICONOGRAFIA

HABITAT

Ambiente preferencial onde a espécie se desenvolve.



Zonas húmidas



Agrícola/rural



Rochas e muros



Jardins



Bosques
caducifólios



Bosques
perenifólios



Matos, orlas e
afloramentos



Encostas secas

FAUNA ASSOCIADA

Animais que utilizam a espécie como alimento ou abrigo.



Insetos



Escaravelhos
saproxílicos



Aves



Sem associações
conhecidas

FUNGOS ASSOCIADOS

Fungos que vivem associados às raízes ou no lenho/tecido lenhoso.



Micorrízicos

Formam simbiose nas raízes.



Saprófitas

Vivem na matéria morta associada à planta.



Parasitários

Causam doenças.



Sem associações conhecidas

USOS

Usos medicinais, aromáticos, alimentares ou outros.



Medicinal

Usada em fitoterapia tradicional ou reconhecida na farmacopeia.



Aromática

Usada como condimento ou planta aromática (chás, cheiros).



Medicinal e Aromática

Quando tem uso medicinal e aromático.



Alimentar

Espécie com partes consumidas como alimento humano (ex.: frutos, sementes, folhas).



Ornamental

Espécie apreciada pelo valor estético (floração, folhagem, porte), seja espontânea ou cultivada.

2.2. A cerca do Mosteiro de Tibães: Um espaço vivo para cuidar e descobrir

A cerca do Mosteiro de Tibães é muito mais do que um local belo e de contemplação. É um ecossistema vivo, frágil e valioso, onde muitas espécies de plantas, animais e fungos coabitam em equilíbrio. Ao explorar este espaço, está a entrar num lugar que merece respeito e atenção. Para que todos possam continuar a usufruir deste património natural e para garantir a sua preservação, pedimos que siga alguns cuidados essenciais durante a visita:

- 1. Observe as plantas no local.** Fotografe, desenhe e admire; evite colher folhas, flores, frutos ou raízes para manter o equilíbrio do ecossistema. Elas fazem parte do equilíbrio do local e podem ser observadas, desenhadas ou fotografadas – mas não recolhidas.
- 2. Observe a fauna com calma e à distância.** Permita que os animais mantenham o seu comportamento natural.
- 3. Mantenha-se pelos trilhos assinalados.** Muitos habitats são sensíveis ao pisoteio, sobretudo nas zonas húmidas e nos carvalhais.
- 4. Leve consigo o que trouxer.** Utilize os recipientes disponíveis e deixe o espaço como o encontrou.
- 5. Evite ruídos altos.** A tranquilidade do espaço permite ouvir os sons da natureza e favorece a observação atenta.
- 6. Respeite o ritmo da natureza.** Cada estação tem as suas espécies, cores e cheiros. Nem tudo está sempre “em flor” – e isso faz parte da beleza do lugar.

Este guia convida a descobrir, a aprender e a cuidar. Ao seguir estas orientações, estará a proteger a biodiversidade da cerca e a garantir que outras pessoas possam também desfrutar deste lugar especial – hoje e no futuro.

III

GLOSSÁRIO

Aciculares – Folhas ou estruturas em forma de agulha, estreitas e compridas, geralmente rígidas.

Adstringente – Substância ou característica que provoca contração dos tecidos, reduzindo secreções.

Alternas – Disposição foliar em que as folhas se inserem isoladamente em cada nó, alternando os lados do caule.

Amentilhos – Inflorescências alongadas, pendentes ou eretas, compostas por numerosas flores pequenas, geralmente unissexuais e sem pétalas.

Anemocórica/Anemocoria – Dispersão de sementes ou frutos realizada pelo vento.

Ápice – Extremidade superior ou ponta de uma folha, pétala ou outra estrutura vegetal.

Aquênios – Frutos secos, de uma só semente, que não se abrem quando maduros.

Autóctone – Espécie nativa de uma determinada região, que ocorre naturalmente nesse território sem intervenção humana.

Biomassa – Quantidade total de matéria orgânica produzida pelos seres vivos de uma área, geralmente medida em peso seco.

Bolbo – Estrutura subterrânea de reserva, geralmente arredondada, formada por folhas modificadas (como nas cebolas), de onde a planta pode rebrotar.

Bordos – Margens ou extremidades de folhas, pétalas ou outros órgãos vegetais.

Brácteas – Pequenas folhas modificadas, geralmente localizadas junto às flores ou inflorescências, podendo protegê-las ou atrair polinizadores.

Campânula – Estrutura ou flor em forma de sino.

Capítulos solitários – Tipo de inflorescência típica das Asteraceae, em que as flores se agrupam num eixo achatado, formando uma “cabeça” única, isolada no caule.

Cápsulas (frutos) – Frutos secos que se abrem quando maduros para libertar as sementes.

Carpelo – Unidade reprodutiva feminina da flor, composta por ovário, estilete e estigma.

Caule – Estrutura principal de suporte da planta, que liga as raízes às folhas e flores.

Cordiformes – Folhas ou estruturas com formato de coração, geralmente com base arredondada e ponta afilada.

Coriácea/Coriáceas – Folha ou estrutura vegetal de textura semelhante à do couro, espessa e resistente.

Corimbos – Inflorescências em que os pedicelos das flores partem de diferentes pontos do caule, mas atingem aproximadamente a mesma altura.

Cuneada – Base de folha em forma de cunha, estreitando-se para o pecíolo.

Deiscente – Fruto que se abre espontaneamente quando maduro para libertar as sementes.

Drupas – Frutos carnosos com uma única semente envolvida por endocarpo lenhoso (ex.: cereja, azeitona).

Elíptica/Elípticas – Folha ou estrutura com contorno oval alongado, mais larga na zona central e afilada nas extremidades, lembrando a forma de uma elipse.

Espinescentes – Com presença de espinhos ou tendência para desenvolvê-los.

Esquizocarpo – Fruto seco que, ao amadurecer, se divide em partes (mericarpes), cada uma contendo uma semente.

Estames – Órgãos reprodutivos masculinos da flor, compostos por filete e antera.

Exótica – Espécie introduzida fora da sua área de distribuição natural, por ação humana, intencional ou acidental.

Fascículos – Agrupamentos ou feixes de folhas, flores ou ramos inseridos muito próximos uns dos outros.

Filocládios – Ramos achatados que assumem a função de folhas, comuns em plantas adaptadas a climas áridos ou sombrios.

Foliação – Processo ou padrão de desenvolvimento e disposição das folhas.

Folíolos ovados – Pequenas subdivisões de uma folha composta, com forma oval ou de ovo, mais largas na base e afiladas na ponta.

Frondes – Folhas dos fetos, geralmente divididas em segmentos (pinas).

Glabra – Superfície desprovida de pelos ou tricomas.

Globosos – De forma aproximadamente esférica.

Globosas (corimbos) – Inflorescências de forma arredondada, com flores em pedicelos de diferentes comprimentos, mas terminando aproximadamente ao mesmo nível.

Habitat – Ambiente natural onde uma planta vive e se desenvolve, caracterizado por fatores físicos e bióticos.

Heliófila – Planta que necessita ou prefere exposição abundante à luz solar.

Hermafroditas – Flores que possuem simultaneamente órgãos reprodutivos masculinos e femininos.

Indúcio protetor – Membrana ou escama que cobre e protege os sorí nos fetos até à libertação dos esporos.

Inflorescência – Conjunto de flores agrupadas num mesmo caule ou eixo floral, formando uma estrutura comum.

Infrutescência – Conjunto de frutos originados a partir de uma inflorescência inteira (ou seja, do agrupamento de flores de uma planta). Resulta quando, após a floração, todos (ou vários) ovários das flores de uma inflorescência se desenvolvem em frutos que permanecem agregados.

Invasora – Espécie exótica que se estabelece numa nova área e se espalha de forma agressiva, competindo com espécies nativas e causando desequilíbrios ecológicos.

Lâmina foliar – Parte achatada da folha responsável pela fotossíntese; pode apresentar diversas formas e tamanhos.

Lanceoladas – Folhas em forma de lança, estreitas e alongadas, mais largas no centro e afiladas nas extremidades.

Lenticulas – Pequenas protuberâncias ou poros na superfície de caules e frutos lenhosos, permitindo trocas gasosas.

Lóbulos – Porções salientes ou divisões de folhas, pétalas ou outras estruturas, separadas por incisões.

Lustrosa – Superfície brilhante ou com reflexo vítreo.

Marcrescentes – Folhas ou flores que permanecem na planta, mesmo secas, durante algum tempo antes de caírem.

Moitas – Agrupamentos densos de arbustos ou pequenas árvores.

Monoicas – Plantas que possuem flores masculinas e femininas separadas, mas na mesma planta.

Oblongo-lanceoladas – Folhas mais longas do que largas, com forma intermédia entre oblongo e lanceolado.

Ovadas – Folhas ou outras estruturas em forma de ovo, mais largas na base.

Ovóides – De forma semelhante a um ovo, mas aplicado a órgãos vegetais em geral.

Pecíolo – Estrutura que liga a lâmina foliar ao caule da planta.

Perene/Perenifólia – Planta que mantém as folhas ao longo de todo o ano. Perene refere-se à longevidade (vive vários anos); perenifólia refere-se à manutenção da folhagem verde.

Pilosidade – Presença de pelos na superfície de folhas, caules ou frutos.

Pinas (folíolos laterais) – Segmentos que compõem a fronde de um feto, dispostos ao longo do ráquis.

Piriformes – Em forma de pêra.

Pomo – Fruto carnudo com sementes encerradas num recetáculo endurecido (ex.: maçã, pêra).

Pruína – Camada fina, geralmente esbranquiçada, azulada ou acinzentada, com aspeto pulverulento ou ceroso, que recobre a superfície de certos órgãos vegetais, como folhas, caules ou frutos (ex.: uvas, ameixas, frutos de *Prunus*).

Pubescência – Cobertura de pelos finos e macios sobre órgãos vegetais.

Ráquis – Eixo principal de uma folha composta ou de uma inflorescência, a partir do qual surgem folíolos ou flores.

Relicta – Formação florestal remanescente de um ecossistema muito mais amplo no passado, geralmente com espécies antigas e de interesse de conservação.

Risco de extinção – Categoria que indica a probabilidade de uma espécie desaparecer da natureza num futuro próximo. É atribuída com base nos critérios da IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza), que classificam as espécies em diferentes níveis de ameaça, de acordo com fatores como dimensão e tendência das populações, área de distribuição e intensidade das ameaças.

Romboidais – Folhas ou estruturas em forma de losango.

Roseta de folhas basais – Disposição das folhas em círculo, junto ao solo, formando uma base compacta (como no dente-de-leão).

Sâmaras – Frutos secos, indeiscentes, providos de expansões aladas que facilitam a dispersão pelo vento.

Sistema radicular – Conjunto das raízes de uma planta, responsável pela fixação ao solo e absorção de água e nutrientes.

Sorí – Estruturas reprodutivas dos fetos, situadas na página inferior das folhas, que produzem e libertam esporos.

Tricomias – Estruturas semelhantes a pelos, unicelulares ou multicelulares, presentes na epiderme vegetal.

Tufos – Agrupamentos densos de folhas, caules ou flores originados de um mesmo ponto.

Umbeliforme/Umbeliformes – Inflorescência em que todos os pedicelos partem do mesmo ponto, lembrando o formato de um guarda-sol.

GLOSSÁRIO

Unissexuais – Flores que apresentam apenas órgãos reprodutivos masculinos ou apenas femininos.

Verticiladas – Folhas ou ramos que se dispõem em roda, em torno do caule, no mesmo nível ou nó.

Zoocória – Dispersão de sementes ou frutos realizada por animais.

IV

ÍNDICE DE ESPÉCIES

4.1. Documentadas em herbário

Alecrim	
<i>Rosmarinus officinalis</i>	33
Alfazema	
<i>Lavandula angustifolia</i>	37
Anograma-de-folha-estreita	
<i>Anogramma leptophylla</i>	41
Aveleira	
<i>Corylus avellana</i>	45
Brunela	
<i>Prunella vulgaris</i>	49
Camélia	
<i>Camellia japonica</i>	53
Carvalho-alvarinho	
<i>Quercus robur</i>	57
Castanheiro	
<i>Castanea sativa</i>	61
Cipreste-do-Buçaco	
<i>Cupressus lusitanica</i>	65
Dedaleira	
<i>Digitalis purpurea</i>	69
Dente-de-leão	
<i>Taraxacum officinale</i>	73
Erva-cidreira	
<i>Melissa officinalis</i>	77
Erva-das-verrugas	
<i>Chelidonium majus</i>	81
Erva-de-São-Roberto	
<i>Geranium robertianum</i>	85

Eucalipto	
<i>Eucalyptus globulus</i>	89
Fentanha	
<i>Polystichum setiferum</i>	93
Gilbardeira	
<i>Ruscus aculeatus</i>	97
Hipericão	
<i>Hypericum perforatum</i>	101
Hipericão-do-Gerês	
<i>Hypericum androsaemum</i>	105
Hortelã-brava	
<i>Mentha suaveolens</i>	109
Loureiro	
<i>Laurus nobilis</i>	113
Medronheiro	
<i>Arbutus unedo</i>	117
Morango-silvestre	
<i>Fragaria vesca</i>	121
Não-me-esqueças	
<i>Myosotis welwitschii</i>	125
Oliveira	
<i>Olea europaea</i>	129
Pilriteiro	
<i>Crataegus monogyna</i>	133
Pinheiro-bravo	
<i>Pinus pinaster</i>	137
Prímula	
<i>Primula acaulis</i>	141
Salgueiro-preto	
<i>Salix atrocinerea</i>	145

Salva-bastarda	
<i>Teucrium scorodonia</i>	149
Sanguinho	
<i>Frangula alnus</i>	153
Selo-de-Salomão	
<i>Polygonatum odoratum</i>	157
Silva	
<i>Rubus ulmifolius</i>	161
Tintureira	
<i>Phytolacca americana</i>	165
Tojo-molar	
<i>Ulex minor</i>	169
Urze-das-cílias	
<i>Erica ciliaris</i>	173
Videira-brava	
<i>Vitis vinifera</i>	177
Violetas-bravas	
<i>Viola riviniana</i>	181

4.2. Não documentadas em herbário

Azálea	
<i>Rhododendron indicum</i>	185
Azevinho	
<i>Ilex aquifolium</i>	189
Anémoma-dos-bosques	
<i>Anemone trifolia subsp. albida</i>	193
Avenca-negra	
<i>Asplenium onopteris</i>	197

Bétula	
<i>Betula pubescens</i>	201
Cardo-roxo	
<i>Cirsium vulgare</i>	205
Cedro-dos-Himalaias	
<i>Cedrus deodara</i>	209
Cornichão-dos-rios	
<i>Lotus pedunculatus</i>	213
Hortênsia	
<i>Hydrangea macrophylla</i>	217
Pinheiro-manso	
<i>Pinus pinca</i>	221
Bordo	
<i>Acer pseudoplatanus</i>	225
Rododendro	
<i>Rhododendron ponticum</i>	229
Sobreiro	
<i>Quercus suber</i>	133



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Rosmarinus officinalis* L.

Habitat: Ornamental

Descrição: flores roxas com aroma agradável.

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 14. IV. 2011

Colector e Identificador: Pedro M. L. P. Gomes

ALECRIM

Rosmarinus officinalis



ALECRIM

Rosmarinus officinalis

L., 1753

Família *Lamiaceae*

Distribuição nacional Predominante mediterrânica

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Arbusto aromático perene, nativo da região mediterrânica. É uma planta amplamente cultivada e naturalizada, famosa pelo seu forte aroma balsâmico, pelas propriedades medicinais e culinárias e pela resistência a condições secas e soalheiras.

Forma arbustos densos, com caules lenhosos e ramificados, podendo atingir até 2 metros de altura. As folhas são estreitas, verde-escuras na face superior e esbranquiçadas por baixo, lembrando pequenas agulhas. As flores, de cor azul-violeta pálido a lilás, podem surgir em várias épocas do ano, especialmente na primavera.

Sabia que...

Em várias culturas, o alecrim está ligado à lembrança dos mortos, à fidelidade e à purificação. Era usado em rituais, oferendas e defumações. Amplamente usado na cozinha mediterrânica, combina bem com carnes, batatas e azeite. As folhas secas mantêm o aroma por longos períodos. É utilizado em infusões e óleos para aliviar dores musculares, má digestão, fadiga e problemas respiratórios. Tem ação tónica, anti-inflamatória e antioxidante. As flores de alecrim são fonte de néctar em épocas frias, visto que há menos flores disponíveis, ajudando a sustentar abelhas no final do inverno e início da primavera.



Bosques caducifólios



Insetos



Medicinal e aromática



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Especie: *Lavandula angustifolia* Mill.

Habitat: Ornamental

Descrição: flores roxo-azuladas com aroma agradável.

Localidade: Vila Verde - Braga

Data de colecta: 12. VI. 2010

Colector e Identificador: Pedro M. L. P. Gomes

ALFAZEMA

Lavandula angustifolia



ALFAZEMA

Lavandula angustifolia

Mill., 1768

Família *Lamiaceae*

Distribuição nacional Predominante europeia

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta perene, aromática e lenhosa, típica das regiões de clima mediterrânico. É uma das espécies de lavanda mais apreciadas, tanto pelo perfume doce e intenso, como pelas propriedades medicinais, ornamentais e apícolas. Nativa do sudoeste da Europa (Pirenéus: nordeste de Espanha, sul de França e norte de Itália), forma pequenos arbustos compactos, com caules lenhosos na base e ramos eretos, cobertos por folhas estreitas, lineares, cinzento-esverdeadas e muito aromáticas, podendo atingir 1 metro de altura. As flores, de cor violeta a azul-violácea, agrupam-se em espigas terminais destacadas acima da folhagem. Toda a planta liberta um perfume característico, amplamente utilizado em perfumaria, cosmética e aromaterapia. Em Portugal, ocorre apenas em manchas pontuais no Nordeste e na Beira Alta (Serra da Estrela), sendo no resto do país sobretudo cultivada.

Sabia que...

Já era usada por gregos e romanos em banhos e na conservação de roupas. O nome “lavanda” vem do latim *lavare*, que significa “lavar”. O seu óleo essencial é amplamente usado em aromaterapia por ter efeito calmante, sedativo e ansiolítico. Pode ser confundida com lavandas híbridas (*Lavandula × intermedia*) ou com *L. latifolia*, mas distingue-se pelas folhas mais finas e aroma mais doce.



Jardins



Insetos



Aromática



Flora da Cereia do Mosteiro de Tibães

Especie: *Anogramma leptophylla* (L.) Link.

Habitat: *Rupícola*

Descrição:

Localidade: *Tibães - Braga*

Data de colheita: 14. IV. 2011

Colector e Identificador: *Peter M. L. P. Gomes*

ANOGRAMA-DE-FOLHA-ESTREITA

Anogramma leptophylla



ANOGRAMA-DE-FOLHA-ESTREITA

Anogramma leptophylla

(L.) Link, 1841

Família *Pteridaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Espécie rara e delicada, a anograma distingue-se por ter um ciclo de vida anual – algo invulgar entre os fetos – completando todo o desenvolvimento e reprodução num só ano. As frondes, de pequenas dimensões (5-15 cm), são verde-claras a amareladas, com pecíolo mais curto que a lâmina e soros ao longo das margens, sem indúcio protetor. Prefere locais húmidos e sombrios, como fendas de rochas, muros antigos e taludes, sobretudo em solos ácidos a neutros. Em Portugal, ocorre principalmente no Norte e Centro, sendo sensível à destruição de muros e alterações de drenagem, o que a torna uma espécie relevante para a conservação e indicadora de microclimas húmidos.

Sabia que...

Entre junho e setembro entra em latência, desaparecendo da superfície e permanecendo apenas sob a forma de esporos no solo, o que a torna difícil de detetar fora da época. É um dos menores fetos da flora europeia, com frondes delicadas e finamente divididas, semelhantes a rendas vegetais. Pode servir de abrigo a pequenos invertebrados, mas não atrai polinizadores por ser uma planta sem flores.



Rochas e muros



Sem associações
conhecidas



Ornamental



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Especie: *Corylus avellana* L.

Habitat: bosque de cavalhos e terrenos cultivados

Descrição: árvore

Localidade: Vila. Braga

Data de colheita: 13. IV. 2011

Colector e Identificador: Pedro M. L. P. Gomes

AVELEIRA
Corylus avellana



AVELEIRA

Corylus avellana

L., 1753

Família *Betulaceae*

Distribuição nacional Predominante europeia

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Pequena árvore ou arbusto até 12 metros de altura com copa larga e densa e um tronco bastante curto. As folhas são largas, ovadas, com margens serradas e nervação bem marcada. É uma planta monoica: as flores masculinas surgem no inverno em amentilhos pendentes (até 8 cm), enquanto as femininas são pequenas, com estigmas vermelhos. O fruto é a avelã, uma noz seca envolvida por uma bráctea, que amadurece no fim do verão. A infrutescência apresenta 1 a 4 nozes e o involucre é quase tão comprido como a noz.

Sabia que...

A avelleira é apreciada pelo seu fruto, as avelãs, consumidas pelo ser humano desde a Antiguidade e fundamentais também para alimentarem esquilos e aves. A floração precoce fornece pólen às abelhas no final do inverno. Os seus ramos flexíveis foram usados em objetos artesanais e em varinhas de radiestesia. Culturalmente, simboliza sabedoria e proteção. Associa-se a fungos micorrízicos, como boletos e russulas. No Mosteiro de Tibães, no século XVII, existia uma “Fonte das Avelleiras” no local onde viria a ser construído o lago.



Bosques caducifólios



Aves



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Bromelia vulgaris* L.

Habitat: Zona de mata e ruderal

Descrição: flores púrpuras

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 5 . 4 . 2011

Coletor e Identificador: Pedro M. C. P. Gomes

BRUNELA
Prunella vulgaris



BRUNELA

Prunella vulgaris

L., 1753

Família *Lamiaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea perene, com ampla distribuição no hemisfério norte, incluindo Portugal. É valorizada tanto pelo seu uso tradicional na medicina popular como pelo seu papel ecológico em prados, margens de caminhos e clareiras de bosques. Tem caules quadrangulares, geralmente prostrados ou ascendentes, que enraízam nos nós. As folhas são ovais, opostas e levemente dentadas. As flores são pequenas, de cor violeta a azul-púrpura, e agrupam-se em inflorescências espigadas e densas, facilmente reconhecíveis mesmo à distância. Habita prados e relvados seminaturais, margens de caminhos e clareiras de matos/bosques.

Sabia que...

O nome comum em várias línguas (*self-heal*, *auto-cura*, *prunelle*) reflete o seu uso tradicional em feridas, cortes, inflamações da boca e garganta, infusões digestivas e compressas. Era muito usada por camponeses e curandeiros. Tolerava bem pisoteio moderado, cortes frequentes (como em prados ou zonas de pastoreio) e condições de sombra parcial, o que lhe permite persistir em prados seminaturais e jardins.



Matos, orlas e afloramentos



Insetos



Medicinal



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: Camellia japonica L.

Habitat: Ornamental

Descrição: árvore, flores rosa

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 5. V. 2011

Colector e Identificador: Paulo M. L. P. Gomes

CAMÉLIA
Camellia japonica



CAMÉLIA

Camellia japonica

L., 1753

Família *Theaceae*

Distribuição nacional Exótico

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Arbusto ou pequena árvore de crescimento lento e porte elegante, podendo atingir até 6 metros de altura. Originária da Ásia, é largamente cultivada pelas flores. Possui folhas persistentes, verdes, brilhantes e coriáceas. As flores, de simples a totalmente dobradas, surgem do final do inverno, em cores branca, rosa, vermelha e combinações. Prefere solos ácidos, ricos e bem drenados, adaptando-se melhor em meia-sombra, protegida de sol intenso e ventos fortes. É bem-adaptada a climas temperados como o de Portugal.

Sabia que...

A camélia é uma das plantas ornamentais mais tradicionais e prestigiadas do mundo, especialmente valorizada desde o século XVIII em jardins japoneses e europeus. Simboliza beleza refinada, elegância e perfeição, com forte presença cultural no Japão – onde é conhecida como *tsubaki* – e na Europa, onde se tornou símbolo romântico após a obra *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho. Embora pertença ao mesmo género da planta do chá (*Camellia sinensis*), não é utilizada em infusões.



Jardins



Insetos



Saprófitas



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Quercus robur* L.

Habitat: *Bosque de cavalhos*

Descrição: _____

Localidade: *Alto - Braga*

Data de colheita: *22. V. 2011*

Colector e Identificador: *Pedro M. L. P. Gomes*

CARVALHO-ALVARINHO

Quercus robur



CARVALHO-ALVARINHO

Quercus robur

L., 1753

Família *Fagaceae*

Distribuição nacional Predominante europeia

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore de grande porte, que pode atingir 30 a 40 metros de altura, com copa ampla e regular, sustentada por ramos grossos e tortuosos. As folhas são simples, alternas, ovadas, com lóbulos profundos e margens onduladas, medindo entre 7 e 14 cm. A página superior é verde-escura e brilhante, enquanto a inferior é mais clara e ligeiramente pubescente. As flores são pequenas e unissexuais, reunidas em amentilhos no caso das masculinas, e solitárias ou em pequenos grupos no caso das femininas. O fruto é a bolota, de maturação anual que ocorre em outubro.

Sabia que...

O carvalho é um pilar dos ecossistemas temperados, abrigando insetos, aves e mamíferos. A vaca-loura (*Lucanus cervus*), escaravelho protegido, depende da madeira em decomposição de carvalhos antigos. A sua madeira é muito valorizada em carpintaria e na produção de barris para vinhos e bebidas espirituosas. Associa-se a fungos micorrízicos como boletos, amanitas e trufas. Os gaios enterram bolotas para guardar alimento, mas muitas ficam esquecidas e germinam, dando origem a novos carvalhos. Em Tibães, toda a estrutura do telhado e dos tetos do mosteiro é em carvalho.



Bosques caducifólios



Escaravelhos
saproxílicos



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Castanea sativa* Mill.

Habitat: Bosque de cavalhos

Descrição: flores masculinas amareladas

Localidade: Vilaça - Braga

Data de colheita: 14 . IV . 2011

Colector e Identificador: Pedro M. L. P. Gomes

CASTANHEIRO

Castanea sativa



CASTANHEIRO

Castanea sativa

Mill., 1768

Família *Fagaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

É uma árvore caducifólia de grande porte que pode ultrapassar os 30 metros de altura e viver vários séculos. Apresenta uma copa ampla, tronco robusto e folhas grandes de margem serrada, que se tornam douradas no outono. As flores são inflorescências esverdeadas e aromáticas. O fruto é a castanha que se desenvolve dentro de uma cúpula espinhosa (ouriços) até 10 cm de diâmetro, verdes e depois acastanhadas, que ao amadurecer, se abrem e libertam duas a três castanhas comestíveis. A época de maturação dos frutos ocorre de outubro a novembro.

Sabia que...

As castanhas têm uma grande importância económica e cultural, sendo em Portugal símbolo do outono e do magusto. Os velhos castanheiros, muitas vezes ocos, criam cavidades que servem de refúgio e local de nidificação para várias aves, incluindo rapinas e pica-paus, e atraem múltiplos insetos. No solo, as raízes associam-se a fungos micorrízicos, alguns comestíveis, como o cantarelo (*Cantharellus cibarius*) ou a amanita-real (*Amanita caesarea*). No Mosteiro de Tibães, no séc. XVIII, a madeira do castanheiro era utilizada para os tetos dos corredores e para a talha da igreja.



Bosques caducifólios



Aves



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Cupressus lusitanica* Mill.

Habitat: Ornamental

Descrição: árvore

Localidade: Vila Verde - Braga

Data de colheita: 28. VII. 2011

Colector e Identificador: Pedro H. C. P. Gomes

CIPRESTE-DO-BUÇACO
Cupressus lusitanica



CIPRESTE-DO-BUÇACO

Cupressus lusitanica

Mill., 1768

Família *Cupressaceae*

Distribuição nacional Exótico

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Conífera monoica, perene de porte médio a alto e tronco castanho-avermelhado, com copa piramidal densa que se torna mais irregular com a idade. É nativa da América Central, desde o México e Guatemala até à Nicarágua, estando amplamente cultivada em Portugal. Apresenta folhas escamiformes de cor verde a verde-azulada e cones arredondados e lenhosos que libertam sementes aladas após a maturação. Resistente à seca, adapta-se bem a diferentes solos e climas. É utilizada em reflorestação, como corta-vento e em espaços ornamentais.

Sabia que...

Introduzido em Portugal no século XVII, na Mata do Buçaco, de onde lhe vem o nome “lusitanica”, o cipreste-do-Buçaco é nativo da América Central. Os seus cones podem permanecer fechados durante anos, abrindo apenas com o calor intenso dos incêndios, numa estratégia de regeneração natural. Em Portugal adaptou-se bem, tornando-se presença frequente em jardins históricos e matas ornamentais. Associa-se a fungos micorrízicos típicos de coníferas, como *Suillus* e *Laccaria*.



Bosques caducifólios



Aves



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: Digitalis purpurea L.

Habitat: Bosque de carvalhos e ruderal

Descrição: flores púrpuras

Localidade: Tibães - Braga

Data de coleta: 5.V.2011

Colector e Identificador: Pedro M. P. Gomes

DEDALEIRA
Digitalis purpurea



DEDALEIRA

Digitalis purpurea

L., 1753

Família *Plantaginaceae*

Distribuição nacional Predominante europeia

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea bienal ou perene de curta duração, que pode atingir até 2 metros de altura. É nativa da Europa ocidental, sendo comum em Portugal, sobretudo no norte e centro, em solos ácidos, húmidos e sombreados — como orlas de bosques, taludes, pinhais e clareiras montanhosas. Apresenta uma roseta de folhas basais no primeiro ano, e só no segundo ano emite uma haste floral ereta, que pode atingir até 1,5 metros de altura, com flores grandes, tubulares, pendentes, geralmente de cor púrpura, mas também podendo ser brancas ou rosadas, sempre com pintas mais escuras no interior.

Sabia que...

Toda a planta é altamente tóxica, por conter glicósidos cardíacos como a digitoxina e digoxina. Foi a base de medicamentos cardiotónicos, usados no tratamento de insuficiência cardíaca e arritmias, desde o século XVIII. Hoje, os princípios ativos são isolados e administrados com rigorosas doses médicas. As flores tubulares são adaptadas a abelhões e insetos com língua longa, que entram nas flores para aceder ao néctar e transportam o pólen entre plantas. Deriva do latim digitus (dedo), pela semelhança da flor com um dedal. Daí o nome em várias línguas: digitalis, *foxglove* (em inglês), *gants de Notre-Dame* (francês).



Matos, orlas e afloramentos



Insetos



Medicinal



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Especie: *Taraxacum officinale* F. H. Nigg

Habitat: *terrenos incultos; ruderal*

Descrição: _____

Localidade: *Alvar - Braga*

Data de coleta: *14. IV. 2011*

Colector e Identificador: *Pedro M. L. P. Gomes*

DENTE-DE-LEÃO

Taraxacum officinale



DENTE-DE-LEÃO

Taraxacum officinale

F.H.Wigg., 1780

Família *Asteraceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem

J F M A M J J A S O N D

Floração

J F M A M J J A S O N D



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea perene, de roseta basal, com folhas profundamente dentadas e sem caule verdadeiro. As flores, de cor amarela intensa, agrupam-se em capítulos solitários sustentados por pedúnculos ocos e eretos. O fruto é um aquénio provido de um papilho branco e plumoso, que facilita a dispersão pelo vento. É uma espécie muito comum em prados, bermas de caminhos, relvados e terrenos perturbados, florescendo grande parte do ano.

Sabia que...

O dente-de-leão é comestível quase na totalidade: as folhas jovens usam-se em saladas, as raízes torradas podem substituir o café e as flores servem para preparar xaropes ou licores. Além disso, a planta é tradicionalmente empregue como diurética, razão pela qual em alguns países recebe nomes populares alusivos à urina (como o francês *pissenlit*). É uma importante planta para os insetos polinizadores.



Agrícola/rural



Insetos



Alimentar



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Melissa officinalis* L.

Habitat: Zonas de mato, terrenos incultos

Descrição: flores brancas

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 23. V. 2011

Colector e Identificador: Pedro M. C. P. Gomes

ERVA-CIDREIRA

Melissa officinalis



ERVA-CIDREIRA

Melissa officinalis

L., 1753

Família *Lamiaceae*

Distribuição nacional Predominante mediterrânica

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta perene e aromática, muito cultivada em hortas e jardins pelas suas propriedades medicinais, aroma agradável e valor ecológico. É nativa da região mediterrânica e da Ásia ocidental, mas encontra-se amplamente naturalizada na Europa, incluindo Portugal. Forma touceiras de caules eretos ou ramificados, com folhas ovadas, dentadas e de textura rugosa, de cor verde-clara. Ao toque, libertam um aroma fresco, semelhante ao limão, muito característico. As flores são pequenas, de cor branca a esbranquiçada ou levemente rosada, dispostas em verticilos nas axilas das folhas superiores.

Sabia que...

A erva-cidreira é usada tradicionalmente para aliviar ansiedade, insónia, tensão nervosa e problemas digestivos. Pode ser tomada em infusão ou como extrato. O nome *Melissa* vem do grego "melissa", que significa abelha – reflexo da forte atratividade das flores para estes insetos. Foi cultivada nos jardins de mosteiros medievais e recomendada por médicos como Paracelso e Avicena. Era ingrediente base do famoso "Licor dos Carmelos" ou "Água de Melissa".



Agrícola/rural



Insetos



Medicinal e aromática



Flora da Cereza do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Chelidonium majus* L.

Habitat: *Ruderal e rupícola*

Descrição: *floras amarelas*

Localidade: *Tibães - Braga*

Data de colheita: *13. IV. 2011*

Colector e Identificador: *Pedro M. P. Gomes*

ERVA-DAS-VERRUGAS

Chelidonium majus



ERVA-DAS-VERRUGAS

Chelidonium majus

L., 1753

Família *Papaveraceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem

J F M A M J J A S O N D

Floração

J F M A M J J A S O N D



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea perene que apresenta caules ramificados, folhas verdes recortadas e flores amarelas com quatro pétalas, que florescem de abril a setembro. Produz um látex amarelo-alaranjado característico, historicamente usado na medicina popular para tratar verrugas e problemas de pele – embora seja tóxico e o seu uso deva ser evitado sem orientação médica. Prefere locais sombrios e húmidos, como margens de caminhos, muros e terrenos abandonados. A sua presença é comum em ambientes urbanos e rurais de clima temperado.

Sabia que...

O nome *Chelidonium* deriva do grego *kbelidōn* (χελιδών), que significa *andorinha*. Há registos antigos que associavam o aparecimento da planta à chegada das andorinhas na primavera, acreditando-se que estas usavam a seiva para tratar os olhos das crias. Todas as partes da planta contêm alcaloides tóxicos. Embora tenha sido usada na fitoterapia para problemas hepáticos, gástricos e de pele, o seu uso sem controlo pode ser perigoso, provocando náuseas, danos hepáticos e outros efeitos adversos.



Rochas e muros



Insetos



Medicinal



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Geranium robertianum* L.

Habitat: Zona de bosque de castalhos

Descrição: flores roxas.

Localidade: Vila Verde - Braga

Data de colheita: 13. IV. 2011

Colector e Identificador: Paulo M. L. P. Gomes

ERVA-DE-SÃO-ROBERTO

Geranium robertianum



ERVA-DE-SÃO-ROBERTO

Geranium robertianum

L., 1753

Família Geraniaceae

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea anual ou bienal, de pequeno porte (15 a 50 cm), com caule ramificado, fino, geralmente avermelhado e coberto de pelos glandulares. As folhas são profundamente recortadas, palmadas, com aroma intenso quando esmagadas. As flores são pequenas (8–14 mm), de cor rosa-vivo a púrpura, com cinco pétalas ligeiramente bifidas e sépalas pontiagudas. O fruto é do tipo esquizocarpo, com formato alongado e fino, semelhante ao bico de uma ave. Habita frequente locais sombrios e húmidos, como orlas de florestas, muros sombreados, taludes, bordas de caminhos e zonas ruderais. Prefere solos ricos em matéria orgânica.

Sabia que...

O nome “erva-de-São-Roberto” evoca São Roberto de Molesme, ligado à medicina natural. Ao ser esmagada liberta um odor forte, usado como repelente. As flores atraem pequenos polinizadores e as sementes podem ser dispersas por formigas. Tradicionalmente foi usada como adstringente, cicatrizante e anti-inflamatória em infusões ou cataplasmas, com aplicação também em problemas digestivos e respiratórios.



Bosques caducifólios



Insetos



Medicinal e aromática



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Especie: *Eucalyptus globulus* Labill.

Habitat: *Matos*

Descrição: *árvore*

Localidade: *Tibães - Braga*

Data de colheita: *13. IV. 2011*

Colector e Identificador: *Pedro M. P. Gomes*

EUCALIPTO
Eucalyptus globulus



EUCALIPTO

Eucalyptus globulus

Labill, 1800

Família *Myrtaceae*

Distribuição nacional Exótico

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore perenifólia de crescimento rápido, podendo atingir 30 a 60 metros de altura. É originária da Tasmânia e do sudeste da Austrália, tendo sido introduzida em várias regiões do mundo, onde frequentemente se tornou subespontânea. O tronco é alto, direito, com casca que se desprende em longas tiras ou placas irregulares. As folhas são alternas, lanceoladas, aromáticas e ricas em óleos essenciais, de coloração azulada na fase jovem. As flores são solitárias ou agrupadas, com numerosos estames e sem pétalas visíveis. Os frutos são cápsulas lenhosas, hemisféricas a piriformes, que libertam pequenas sementes através de fendas de abertura.

Sabia que...

Introduzido na Europa no século XIX, é hoje amplamente cultivado em Portugal para a produção de pasta de papel. O óleo essencial é usado em produtos medicinais e aromáticos, sobretudo para tratar constipações e problemas respiratórios. Em Portugal, em termos de biodiversidade, povoamentos de monocultura extensiva tendem a albergar menos espécies do que bosques nativos diversos. Ainda assim, a floração no final do inverno/início da primavera fornece néctar e pólen valiosos para as abelhas e outros polinizadores. Associa-se a fungos micorrízicos, como *Pisolithus* e boletos exóticos.



Bosques perenifólios



Sem associações
conhecidas



Medicinal e aromática



Flora da Cereia do Mosteiro de Tibães

Especie: *Polystichum setigerum* (Porsk.) Moore

Habitat: Ripícola

Descrição:

Localidade: *Alaís - Braga*

Data de colheita: 5 . V . 2011

Colector e Identificador: *Pedro M. C. P. Gomes*

FENTANHA
Polystichum setiferum



FENTANHA

Polystichum setiferum

(Forssk.) Woynar, 1913

Família *Dryopteridaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Feto perene de médio porte, comum em zonas sombrias e húmidas de matas e ravinas. Reconhece-se pelas frondes verdes suaves, com segmentos finamente recortados e textura delicada. Em vez de flores, esta espécie forma soros (estruturas produtoras de esporos) na face inferior das frondes. A superfície apresenta pequenas escamas castanhas, especialmente ao longo do caule (ráquis). Espécie nativa da Europa ocidental, incluindo no Norte de Portugal, onde prefere solos ácidos e ricos em matéria orgânica.

Sabia que...

Devido à sua beleza e textura suave, é uma das poucas espécies de fetos nativos amplamente utilizadas em jardinagem ornamental em climas atlânticos. Para além disso, na medicina popular foi usado como vermífugo, à semelhança de outros fetos, embora atualmente o seu uso medicinal seja desaconselhado devido à toxicidade de alguns compostos e à existência de alternativas mais seguras. A sua presença é um bom indicador de ambientes bem preservados, como bosques autóctones.



Bosques caducifólios



Sem associações conhecidas



Ornamental



Flora da Cereia do Mosteiro de Tibães

Especie: *Ruscus aculeatus* L.

Habitat: Bosque de cavalhos

Descrição: _____

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 13. IV. 2011

Colector e Identificador: Pedro M. L. T. Gomes

GILBARDEIRA

Ruscus aculeatus



GILBARDEIRA

Ruscus aculeatus

L., 1753

Família *Asparagaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Subarbusto perene, espinhoso e de sombra podendo atingir até 1 metro de altura. É comum em Portugal, sobretudo em matos sombrios, carvalhais, soutos e orlas de floresta. Resiste bem à seca e adapta-se a solos pobres, sendo típico de ambientes mediterrânicos e atlânticos húmidos. Apresenta caules ramificados, com estruturas rígidas em forma de folha chamadas filocládios – achatadas, verdes e terminadas em espinho – que desempenham a função fotossintética. As flores são muito pequenas, esverdeadas a violáceas, inseridas no centro dos filocládios. Os frutos são bagas vermelhas brilhantes, de cerca de 1 cm de diâmetro, muito decorativas e típicas do inverno.

Sabia que...

As “folhas” verdes espinhosas da gilbardeira são, na verdade, filocládios, enquanto as folhas verdadeiras são minúsculas e caem cedo. A espécie é dióica: apenas as plantas femininas, quando polinizadas, produzem as bagas vermelhas, apreciadas por aves. Tradicionalmente, era usada para fazer vassouras rústicas (“erva-dos-vasculhos”) e teve aplicação medicinal como diurética e vasoconstritora. Associa-se a fungos micorrízicos.



Bosques caducifólios



Aves



Micorrízicos



Flora da Cereia do Mosteiro de Tibães

Especie: *Hypericum perforatum L.*

Habitat: *ruderal*

Descrição: *flores amarelas*

Localidade: *Tibães - Braga*

Data de colheita: *24. V. 2011*

Colector e Identificador: *Pedro M. L. P. Gomes*

HÍPERICÃO

Hypericum perforatum



HIPERICÃO

Hypericum perforatum

L., 1753

Família *Hypericaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Também conhecida como erva-de-São-João, é uma planta herbácea perene e medicinal, podendo atingir até 1 metro de altura. É nativa da Europa, mas encontra-se amplamente naturalizada em várias regiões do mundo, incluindo todo o território de Portugal, onde cresce espontaneamente em prados, bermas, clareiras e encostas soalheiras, preferindo solos secos e bem drenados. Apresenta caules eretos e ramificados, que podem atingir 30-100 cm de altura. As folhas são pequenas, ovadas, opostas e cheias de minúsculas pontuações translúcidas – glândulas com óleos essenciais, visíveis contra a luz (daí o nome *perforatum*, ou “perfurada”). As flores são amarelas-vivas, com cinco pétalas e numerosos estames, surgindo em inflorescências terminais muito ramificadas.

Sabia que...

Usada desde a Antiguidade como cicatrizante, anti-inflamatória, ansiolítica e antidepressiva, especialmente em forma de óleo de hipérico e infusões. Os extratos padronizados são usados na fitoterapia moderna para tratar depressões leves a moderadas. No entanto, pode interagir com vários medicamentos, reduzindo a eficácia de anticoncepcionais, anticoagulantes, antivirais e antidepressivos sintéticos. O uso deve ser sempre supervisionado. Tradicionalmente colhida por volta do Dia de São João (24 de junho), era considerada uma planta protetora contra espíritos malignos, trovões e doenças. Muito usada em rituais de solstício.



Matos, orlas e afloramentos



Insetos



Medicinal



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Hypericum androsaemum* Lo. _____

Habitat: *bosque de carvalhos* _____

Descrição: *flor. grandes e amareladas* _____

Localidade: *Tibães - Braga* _____

Data de colheita: *16. X. 2010*

Colector e Identificador: *Pedro M.C.P. Gomes* _____

HIPERICÃO-DO-GERÊS

Hypericum androsaemum



HIPERICÃO-DO-GERÊS

Hypericum androsaemum

L., 1753

Família *Hypericaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Arbusto ou subarbusto perene de pequeno porte, até 1 metro de altura, com ramos eretos e folhas opostas, ovadas, inteiras e de tom verde-escuro, ligeiramente glaucas na página inferior, com cerca de 10 cm de comprimento. As flores são amarelas, até 3 cm de largura, com cinco pétalas e numerosos estames dourados proeminentes. Após a floração, desenvolve bagas ovas que mudam do verde ao vermelho e depois ao negro quando maduras. A planta tem cheiro suave e liberta pigmentos corantes (como o hipérico vermelho) quando esmagada. Habita margens de cursos de água, linhas húmidas de floresta, orlas sombrias e zonas ripícolas. Prefere solos húmidos, ricos em matéria orgânica, e sombra parcial.

Sabia que...

Ao contrário da maioria dos *Hypericum*, que produzem cápsulas secas, esta espécie produz bagas carnudas, o que a torna fácil de reconhecer. Tal como outros hipéricos, tem sido usada tradicionalmente pelas suas propriedades cicatrizantes, calmantes e anti-inflamatórias – embora seja menos conhecida que *Hypericum perforatum*. Não deve ser usada sem supervisão, pois pode interagir com medicamentos. Um dos nomes comuns “mijadeira” refere-se ao seu uso tradicional para tratar problemas urinários.



Matos, orlas e afloramentos



Insetos



Medicinal



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Mentha suaveolens* Ehrh.

Habitat: Ripícola; ruderal

Descrição: flores branco- amarelas

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 9. VII. 2010

Colector e identificador: Pedro M. P. Gomes

HORTELÃ-BRAVA

Mentha suaveolens



HORTELÃ-BRAVA

Mentha suaveolens

Ehrh., 1792

Família *Lamiaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem

J F M A M J J A S O N D

Floração

J F M A M J J A S O N D



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta perene e aromática, muito comum em Portugal e em outras regiões de clima temperado. O epíteto *suaveolens* significa "de odor suave", e refere-se ao perfume doce e fresco que emana das folhas ao serem esmagadas, muitas vezes com um leve aroma a maçã. Apresenta caules quadrangulares e pilosos, com tendência a crescer de forma rastejante ou ereta, podendo formar tapetes densos. As folhas são ovadas, opostas, de margem serrada e cobertas por penugem, conferindo-lhes uma textura macia. As flores, pequenas e de cor branca a lilás-claro, agrupam-se em espigas terminais e axilares.

Sabia que...

É usada em infusões digestivas, xaropes, banhos aromáticos e como condimento em pratos típicos. A sua ação é considerada digestiva, carminativa e refrescante. Para fins medicinais ou culinários, as folhas são mais aromáticas antes da floração, sendo esse o melhor momento para a colheita. As flores são muito procuradas por abelhas e abelhões, sendo uma importante planta melífera.



Zonas húmidas



Insetos



Medicinal e aromática



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Especie: Laurus nobilis L.

Habitat: Ripícola

Descrição: flores brancas

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 13. IV. 2011

Coletor e Identificador: Pedro M. L. P. Gomes

LOUREIRO

Laurus nobilis



LOUREIRO

Laurus nobilis

L., 1753

Família *Lauraceae*

Distribuição nacional Predominante mediterrânica

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore ou arbusto perenifólio, que pode atingir até 20 metros de altura, de copa ovada, densa e irregular. Possui tronco ereto, copa densa e folhas coriáceas, ovais a lanceoladas, brilhantes e muito aromáticas. As flores, pequenas e amarelo-pálidas, são unissexuais e agrupam-se em inflorescências discretas que surgem na primavera. O fruto é uma drupa ovoides, negra e lustrosa quando madura. Espécie característica da região mediterrânica, prefere climas amenos e solos bem drenados.

Sabia que...

Na Grécia e Roma antigas, o loureiro simbolizava vitória e era usado em coroas honoríficas. As folhas aromáticas continuam a ser muito apreciadas na culinária e na medicina tradicional. Planta resistente e decorativa, produz frutos aromáticos pouco conhecidos, consumidos por aves frugívoras como pombos-torcazes e melros. Associa-se a fungos micorrízicos arbusculares, que lhe permitem prosperar em solos pobres e secos.



Bosques caducifólios



Insetos



Alimentar



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: Apeltium unedo L.

Habitat: zona de mato

Descrição: flores brancas

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 16 . X . 2010

Colector e Identificador: Paulo M.C.P. Gomes

MEDRONHEIRO

Arbutus unedo



MEDRONHEIRO

Arbutus unedo

L., 1753

Família *Ericaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore de pequeno porte ou arbusto, com copa densa e arredondada, que pode atingir até 12 metros de altura. Possui folhas verdes, brilhantes, alternas, simples, oblongo-lanceoladas e coriáceas, de formato ovalado com bordas serrilhadas, que permanecem na planta o ano todo. As flores são pequenas, pendentes e em forma de campânula, com tons entre branco-creme e rosado, formando cachos terminais que contrastam com a folhagem densa. Produz frutos amarelos comestíveis chamados de medronhos, tornando-se vermelho-vivo durante o amadurecimento.

Sabia que...

O nome unedo vem do latim "*unumedo*" ("comer apenas um"), sugerindo moderação no consumo dos frutos devido ao seu sabor adstringente e textura granulosa. Durante a maturação os medronhos podem fermentar e produzir álcool, e o consumo excessivo de frutos verdes pode causar desconforto digestivo. O principal inseto associado ao medronheiro é a borboleta-do-medronheiro (*Charaxes jasius*), cujo ciclo de vida está ligado a esta planta, com as lagartas a alimentarem-se das suas folhas e as borboletas a alimentarem-se dos frutos maduros. Esta árvore associa-se a fungos micorrízicos ericoides, que lhe permitem crescer em solos pobres e ácidos.



Matos, orlas e afloramentos



Insetos



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Fragaria vesca* L.

Habitat: *Ripícola*

Descrição: *flor. brancas*

Localidade: *Tibães - Braga*

Data de colheita: *13. IV. 2011*

Colector e Identificador: *Pedro M. L. P. Gomes*

MORANGO-SILVESTRE

Fragaria vesca subsp. vesca



MORANGO-SILVESTRE

Fragaria vesca subsp. vesca

L., 1753

Família *Rosaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Pequena planta herbácea perene, rastejante, com folhas compostas trifoliadas (com três folíolos dentados), de cor verde-claro. Forma estolhos (caules horizontais) que permitem a propagação vegetativa. As flores são brancas, com cinco pétalas arredondadas, e surgem isoladas ou em pequenos grupos. O “fruto” é um pseudofruto vermelho e suculento – o verdadeiro fruto são os pequenos aquénios (sementes) visíveis na superfície do morango. Habita locais sombrios ou parcialmente sombreados, com solo fresco, húmido e rico em matéria orgânica. Encontra-se em matas, carvalhais, orlas de floresta e margens de caminhos, especialmente em regiões montanhosas ou húmidas.

Sabia que...

É o “parente silvestre” do morangueiro cultivado moderno. Frutos muito apreciados por aves, mamíferos pequenos e também por insetos polinizadores que visitam as flores. Os estolhos podem servir de abrigo para pequenos invertebrados. Pode beneficiar da presença de fungos micorrízicos, que melhoram a absorção de nutrientes em solos florestais. Sensível a fungos patogénicos em ambientes muito húmidos e abafados. Usado tradicionalmente como diurético, depurativo e tónico. As folhas são utilizadas em infusões digestivas e os frutos são ricos em vitamina C e antioxidantes. Também tem aplicação cosmética em máscaras naturais.



Bosques caducifólios



Aves



Medicinal



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Myosotis velutzechii* Boiss & Reut.

Habitat: ripiícola

Descrição: flor azul

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 22.V.2011

Colector e Identificador: Pedro M. L. P. Gomes

NÃO-ME-ESQUEÇAS
Myosotis welwitschii



NÃO-ME-ESQUEÇAS

Myosotis welwitschii

Boiss. et Reut. 1856

Família *Boraginaceae*

Distribuição nacional Predominante ibero-magrebina

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea perene ou bienal, endémica da Península Ibérica, com ocorrência maioritariamente em Portugal, sobretudo em zonas do centro e norte. É uma das espécies do género *Myosotis*, conhecidas popularmente como "não-me-esqueças" devido às suas pequenas flores azuis características. Esta espécie é pouco conhecida fora do meio botânico, mas destaca-se pela sua delicadeza e pelo facto de ser relativamente rara e associada a *habitats* naturais bem conservados.

Sabia que...

O epíteto *welwitschii* homenageia o botânico austríaco Friedrich Welwitsch, que trabalhou extensivamente em Portugal e Angola no século XIX. As *Myosotis* são frequentemente associadas ao simbolismo da memória, lealdade e amor eterno – daí o nome comum “não-me-esqueças”. Sendo rara e sensível à degradação dos *habitats* húmidos, *M. welwitschii* pode servir como indicador de qualidade ecológica em ecossistemas ribeirinhos ou de montanha.



Matos, orlas e afloramentos



Insetos



Ornamental



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: Olea europaea L.

Habitat: Terrenos cultivados

Descrição: flores pequenas amareladas

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 5.V.2011

Colector e Identificador: Pedro M. C. P. Gomes

OLIVEIRA

Olea europaea



OLIVEIRA

Olea europaea

L., 1753

Família *Oleaceae*

Distribuição nacional Predominante mediterrânica

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore perene de porte médio e de crescimento lento, que pode atingir até 15 metros. É uma espécie com elevada adaptação a condições edafoclimáticas adversas, nomeadamente solos pobres, elevada exposição solar e défice hídrico. As folhas, simples, inteiras e alongadas, podendo atingir até 10 cm de comprimento, apresentam páginas inferiores esbranquiçadas e cobertas por tricomas. Esta morfologia foliar confere elevada eficiência no uso da água e maior resistência à radiação solar.

O fruto é uma baga oval, negra, mas com pruína esbranquiçada.

Sabia que...

A oliveira é uma das espécies cultivadas mais antigas, com mais de 6.000 anos de história. Símbolo de paz, longevidade e sabedoria no mundo mediterrânico, pode viver séculos e resiste bem à seca e a solos pobres. As folhas têm propriedades medicinais e o azeite é um dos pilares da dieta mediterrânica, reconhecida pela UNESCO como Património Cultural Imaterial da Humanidade. A madeira, dura e densa, é usada em artesanato e mobiliário. Para além do valor agrícola, a oliveira é também apreciada como planta ornamental pela folhagem prateada e troncos esculturais. É suscetível a fungos parasitários, como o verticílio e a gafa.



Jardins



Aves



Parasitários



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Crataegus monogyna* Jacq. _____

Habitat: Bosque de cavalhos _____

Descrição: flores brancas _____

Localidade: Tibães - Braga _____

Data de colheita: 14 . IV . 2011

Colector e Identificador: Pedro M. P. Gomes _____

PILRITEIRO

Crataegus monogyna



PILRITEIRO

Crataegus monogyna

Jacq., 1775

Família *Rosaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Pequena árvore ou arbusto que pode atingir até 18 metros de altura. Tronco simples ou muito ramificado desde a base formando uma copa muito variável. As folhas são caducas, profundamente lobadas, com 3 a 5 (raramente 9) lobos, e inserem-se alternadamente ao longo dos ramos. As flores são brancas a róseas, hermafroditas, reunidas em corimbos densos e aromáticos. Cada flor possui cinco pétalas e apenas um carpelo. O fruto é um pequeno, globoso a ovóides, de cor vermelho-brilhantes a castanho-avermelhados, conhecido como “pirlito”. Possui uma única semente, sendo a frutificação de maio a setembro. Encontra-se em matagais, sebes, bosques caducifólios e margens de caminhos, preferindo solos bem drenados e exposição solar a mei-sombra.

Sabia que...

O pilriteiro é comumente usado como sebe natural, graças aos seus ramos espinhosos que formam uma barreira viva. As bagas alimentam várias aves, como tordos e piscos, e as flores melíferas atraem abelhas. Na medicina tradicional é usado em preparados para regular a tensão arterial e apoiar a função cardíaca. Associa-se a fungos micorrízicos, mas também é suscetível a fungos parasitários, como a ferrugem-do-pilriteiro (fungos do género *Gymnosporangium*).



Bosques caducifólios



Aves



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Especie: *Pinus pinaster* Aiton

Habitat: Pinhal

Descrição: árvore

Localidade: Vila Verde - Braga

Data de colecta: 5. V. 2011

Colector e Identificador: Pedro M. P. Gomes

PINHEIRO-BRAVO

Pinus pinaster



PINHEIRO-BRAVO

Pinus pinaster

Aiton, 1789

Família *Pinaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem

J F M A M J J A S O N D

Floração

J F M A M J J A S O N D



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore de grande porte, atingindo 30 a 40 metros de altura, com tronco reto e casca espessa efendida. Possui um tronco direito, revestido com casca castanho-avermelhada, profundamente fendida e folhas aciculares longas e rígidas, dispostas aos pares, e cones lenhosos que demoram cerca de dois anos a amadurecer. As sementes são aladas e dispersas pelo vento. Esta árvore forma uma copa piramidal e regular quando jovem, que se vai tornando mais irregular e arredondada com a idade. Os ramos, dispostos em verticilos são arqueados ou quase horizontais. Produz pinhas, oblongo-cónicas, simétricas, de cor castanho-claras e brilhantes.

Sabia que...

O pinheiro-bravo destacou-se durante séculos pela produção de resina, usada em várias indústrias. Começa a florir a partir dos 7–8 anos, com inflorescências masculinas douradas e femininas no topo dos rebentos anuais. Ecologicamente, os pinhais naturais são formações nativas de grande valor, que albergam elevada biodiversidade e servem de refúgio a muitas espécies. Associa-se a fungos micorrízicos de coníferas, como *Suillus* e *Lactarius deliciosus*. Na cerca do Mosteiro de São Martinho de Tibães, do lado nascente do lago, existiu um exemplar classificado, em 2010, como Árvore Notável de Portugal, onde foi durante muitos anos considerado o maior pinheiro-bravo do país.



Matos, orlas e afloramentos



Aves



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Primula acaulis* (L.) L.

Habitat: Bosque de carvalhos

Descrição: flores amarelas com centro alaranjado

Localidade: Lilaes - Braga

Data de colheita: 14. IV. 2011

Colector e Identificador: Pedro M. C. P. Gomes

PRÍMULA
Primula acaulis



PRÍMULA

Primula acaulis

Huds., 1762

Família *Primulaceae*

Distribuição nacional Predominante mediterrânica

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea perene, espontânea em Portugal, sobretudo no Norte e Centro, crescendo em prados húmidos, margens de bosques e clareiras sombrias. Forma uma roseta basal de folhas verdes, ovaladas a oblongas, de margem ligeiramente dentada. As flores solitárias, amarelas e perfumadas, surgem diretamente da base (daí o epíteto *acaulis*, “sem caule”) e destacam-se logo no final do inverno e início da primavera, antes da copa das árvores fechar. Prefere solos frescos, húmidos e ricos em matéria orgânica, com alguma sombra.

Sabia que...

A primula foi usada tradicionalmente como expectorante, calmante e anti-inflamatória. As raízes e flores entravam em infusões para tratar constipações, dores de cabeça e insónias, e tiveram também algum uso cosmético. O nome *acaulis* significa “sem caule”, pois a flor nasce diretamente da base. É uma das primeiras flores silvestres a surgir no final do inverno, sendo um recurso vital para os primeiros polinizadores da estação.



Bosques caducifólios



Insetos



Medicinal



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Salix atrocinerea* Brot. _____

Habitat: *Matos ripícola* _____

Descrição: *árvore / arbusto* _____

Localidade: *Tibães - Braga* _____

Data de colheita: *13. IV. 2011*

Colector e Identificador: *Pedro M. B. P. Gomes* _____

SALGUEIRO-PRETO

Salix atrocinerea



SALGUEIRO-PRETO

Salix atrocinerea

Brot., 1804

Família *Salicaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore de porte médio, podendo atingir até 10 metros. É comum em zonas ribeirinhas de Portugal, distribuída pela Europa atlântica e Mediterrâneo ocidental. O tronco é tortuoso, com casca acinzentada que se fende com a idade. As folhas, oblongo-lanceoladas a elípticas, têm face superior verde-escura e glabra e face inferior pubescente e acinzentada. As flores, dioicas, agrupam-se em amentilhos que surgem no início da primavera; os masculinos são mais densos e os femininos mais alongados. O fruto é uma cápsula que liberta sementes com pelos sedosos, dispersas pelo vento.

Sabia que...

Fornece abrigo e alimento a inúmeras espécies de invertebrados, aves e mamíferos.

A sua madeira possui aplicações tradicionais na cestaria, produção de estacas e combustível. Historicamente, diversas espécies do género *Salix* foram utilizadas em medicina popular devido ao seu teor em salicina, precursor do ácido acetilsalicílico (aspirina), embora o salgueiro-negro não seja das mais utilizadas para esse fim. Na mitologia romana, o salgueiro também teve um importante papel. Era uma árvore consagrada à deusa Juno, rainha dos Deuses, e representava a união, a fidelidade e a proteção às mulheres.



Zonas húmidas



Insetos



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Teucrium scorodonia* L.

Habitat: Bosque de carvalhos

Descrição: flores amareladas

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 9 . VII . 2010

Colector e Identificador: Pedro M. L. P. Gomes

SALVA-BASTARDA

Teucrium scorodonia



SALVA-BASTARDA

Teucrium scorodonia

L., 1753

Família *Lamiaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem

J F M A M J J A S O N D

Floração

J F M A M J J A S O N D



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta perene, aromática e espontânea, comum em clareiras de matos, orlas de bosques, encostas secas e solos siliciosos ou ácidos, especialmente no norte e centro de Portugal. Apresenta caules eretos ou ascendentes, quadrangulares e algo pilosos, com folhas ovadas a cordiformes, rugosas, dentadas e aromáticas, lembrando as da salva. As flores, de cor esverdeada a amarelada, com tonalidades arroxeadas ou rosadas no cálice, surgem agrupadas em inflorescências terminais, com corola assimétrica e lábio inferior proeminente – típica das labiadas.

Sabia que...

Apesar de aromática, tem um cheiro forte e algo desagradável, razão pela qual é por vezes chamada de “germandrina-fétida”. Na medicina tradicional, era usada como digestiva, estimulante hepática e anti-inflamatória, sobretudo em infusões e tinturas. O epíteto *scorodonia* deriva do grego *skorodon*, que significa “alho”, sugerindo uma semelhança (vaga) no cheiro ou nas propriedades purificantes. As flores são procuradas por abelhões e outros polinizadores.



Matos, orlas e
afloramentos



Insetos



Medicinal



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Frangula alnus* Mill.

Habitat: Bosque de carvalhos e matos

Descrição: flores brancas

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 13 IV. 2011

Colector e Identificador: Pedro M. L. P. Gomes

SANGUINHO

Frangula alnus



SANGUINHO

Frangula alnus

Mill., 1768

Família *Rhamnaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Pequena árvore ou arbusto de folha caduca, podendo atingir até 5 metros de altura. Distribui-se por zonas ribeirinhas e bosques húmidos da Europa, Norte de África e Ásia Ocidental. Os ramos são lisos, de cor castanho-avermelhada, com lentículas claras bem visíveis. As folhas são simples, alternas, ovadas a elípticas, de margem inteira e ligeiramente ondulada, com nervuras paralelas bem marcadas que convergem para o ápice. As flores, pequenas, esverdeadas e hermafroditas, dispõem-se em fascículos axilares, surgindo da primavera ao verão. O fruto é uma drupa globosa, inicialmente vermelha, tornando-se negra na maturação, contendo geralmente duas a três sementes.

Sabia que...

Planta com uma longa história de uso medicinal, especialmente como laxante natural (embora a sua casca precise ser envelhecida para evitar efeitos tóxicos). As flores, embora discretas, atraem polinizadores como as abelhas e, apesar de os frutos serem tóxicos para os humanos, são consumidos por diversas espécies, incluindo aves (como estorninhos e melros) e pequenos mamíferos. É uma espécie resistente, adaptada a solos húmidos e sombrios, associando-se a fungos micorrízicos arbusculares.



Zonas húmidas



Aves



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Polygonatum odoratum* (Mill.) Druce

Habitat: Bosque de carvalhos

Descrição: flores brancas com a extremidade aberta de cor verde.

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 14 IV 2011

Colector e Identificador: Pedro M. L. P. Gomes

SELO-DE-SALOMÃO

Polygonatum odoratum



SELO-DE-SALOMÃO

Polygonatum odoratum

(Miller) Druce 1906

Família *Asparagaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea perene, rizomatosa, com caules arqueados, lisos e angulosos, que podem atingir entre 30 a 60 cm de altura. As folhas são alternadas, ovado-lanceoladas, verde-claras, com nervação paralela, inseridas ao longo do caule de forma elegante. As flores são tubulares, pendentes, de cor branco-esverdeada, geralmente em pares ou isoladas nas axilas das folhas. Produz bagas azul-escuras ou negras após a floração. Frequente em matas húmidas, carvalhais sombrios, orlas florestais e encostas frescas, preferindo solos ricos em húmus, bem drenados e ligeiramente ácidos.

Tolera sombra densa e forma tapetes densos em sub-bosques bem preservados.

Sabia que...

Tradicionalmente esta planta foi usada em fitoterapia como anti-inflamatória, emoliente e tónica, especialmente em medicina tradicional chinesa. O rizoma foi usado para tratar problemas respiratórios, digestivos e reumáticos – mas atenção: partes da planta são tóxicas se ingeridas em excesso, especialmente as bagas. O nome comum deve-se à forma circular deixada no rizoma após a queda dos caules, semelhante a um “selo”. Em muitas culturas é símbolo de sabedoria, proteção e cura.



Bosques caducifólios



Insetos



Medicinal



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Especie: *Rubus ulmifolius* Schott

Habitat: *Mator*

Descrição: *flores rosadas*

Localidade: *Lábios - Braga*

Data de colheita: *23.V.2011*

Colector e Identificador: *Pedro M. C. T. Gomes*

SILVA

Rubus ulmifolius



SILVA

Rubus ulmifolius

Schott, 1818

Família *Rosaceae*

Distribuição nacional Predominante mediterrânica

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta arbustiva perene e sarmentosa, muito comum em Portugal. Pode formar sebes densas de 2 a 3 metros de altura e os caules podem atingir 3 a 5 metros de comprimento. É a espécie de silva mais frequente na Península Ibérica, facilmente reconhecida pelos seus ramos espinhosos, flores rosadas ou brancas e frutos comestíveis (as amoras). Forma emaranhados densos e espinhosos, com caules longos, arqueados ou trepadores, que enraízam quando tocam o solo. As folhas são compostas, com três a cinco folíolos ovados e margem serrada, semelhantes às da loureira ou olmeiro (daí o nome *ulmifolius* = "com folhas de ulmeiro"). Prefere matos e orlas – sebes, margens de caminhos, taludes e clareiras ensolaradas – em solos frescos a moderadamente secos; é também frequente nas bordas húmidas de linhas de água e valas.

Sabia que...

As amoras são comestíveis, ricas em vitamina C e antioxidantes, e usadas em compotas, doces e licores. A silva coloniza rapidamente terrenos abandonados e taludes, formando silvados que servem de refúgio a aves e pequenos mamíferos. As bagas são muito apreciadas pelas aves e as flores visitadas por insetos polinizadores. Associa-se a fungos saprófitas na serapilheira e é suscetível a parasitários como os míldios.



Matos, orlas e afloramentos



Aves



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Phytolacca americana* L.

Habitat: *Rustical*

Descrição: *flores brancas*

Localidade: *Tibães - Braga*

Data de colheita: *22. V. 2011*

Colector e Identificador: *Pedro M. L. P. Gomes*

TINTUREIRA
Phytolacca americana



TINTUREIRA

Phytolacca americana

L., 1753

Família *Phytolaccaceae*

Distribuição nacional Exótico

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Uma planta herbácea perene, robusta e vigorosa, originária da América do Norte, que pode atingir até 3 metros de altura. Em Portugal é considerada uma espécie exótica invasora, especialmente em locais húmidos e perturbados, como margens de caminhos, baldios, muros e linhas de água. Pode atingir dois a três metros de altura, com caules espessos, carnudos e avermelhados, e folhas grandes, ovadas e alternas. As flores são pequenas, esbranquiçadas a rosadas, dispostas em cachos eretos ou pendentes. Os frutos são bagas brilhantes, pretas ou arroxeadas, que amadurecem no final do verão e são muito atrativos para aves.

Sabia que...

O termo “Phytolacca” vem do grego *phyton* (planta) + italiano *lacca* (laca/corante), referindo-se ao uso das bagas como corante. A tintureira tem uma importância medicinal significativa, muito pelas suas propriedades anti-inflamatória, anti-reumática, depurativa, anti-catarral e antiviral. No entanto, apresenta compostos que a tornam tóxica. Todas as partes da *Phytolacca americana* são tóxicas, especialmente as raízes e os frutos imaturos, contendo compostos como alcaloides e saponinas (ex. fitolacina). Esta planta é considerada invasora em Portugal, formando densos povoamentos que competem com a vegetação nativa e alteram os ecossistemas onde se instala.



Zonas húmidas



Aves



Medicinal



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Ulex minor* Roth

Habitat: Zona de pinhal

Descrição: flores amarelas

Localidade: Vilaes - Braga

Data de coleta: 13. IV. 2011

Coletor e Identificador: Pedro M. L. P. Gomes

TOJO-MOLAR

Ulex minor



TOJO-MOLAR

Ulex minor

Roth, 1797

Família *Fabaceae*

Distribuição nacional Predominante europeia

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Arbusto espinhoso de porte baixo, geralmente entre 0,3 e 1,2 metros de altura (raramente mais), formando tufos densos. Ramos ramificados, verdes, armados com espinhos rígidos (folhas transformadas em cladódios espinhosos). As folhas verdadeiras, trifoliadas, surgem apenas nos indivíduos jovens e caem precocemente. As flores são amarelas, pequenas (até 1,5 cm), reunidas em grupos axilares. O fruto é uma vagem curta, pubescente, que ao amadurecer abre-se projetando as sementes a curta distância. A floração é tardia, distinguindo-se de outras espécies de tojo.

Sabia que...

O *Ulex minor* é uma leguminosa pioneira que contribui para enriquecer os solos pobres através da associação com bactérias fixadoras de azoto, que vivem em nódulos nas suas raízes. Além disso, estabelece simbiose com fungos micorrízicos arbusculares, que melhoram a absorção de nutrientes como o fósforo e aumentam a resistência da planta em ambientes degradados. Apesar do porte reduzido, é altamente inflamável e, quando forma matos densos, aumenta o risco de incêndios.

No passado foi utilizado como combustível, em camas para animais e até como sebe defensiva. As suas flores, embora pequenas, são melíferas e atraem abelhas e outros polinizadores, contribuindo para a biodiversidade.



Encostas secas



Insetos



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: *Erica ciliaris* Loefl.

Habitat: *Zona de pinhal*

Descrição: *flor rosas*

Localidade: *Tibães - Braga*

Data de colheita: *24. V. 2011*

Colector e Identificador: *Pedro M. L. P. Gomes*

URZE-DAS-CILIAS

Erica ciliaris



URZE-DAS-CILIAS

Erica ciliaris

L., 1753

Família *Ericaceae*

Distribuição nacional Predominante ibero-magrebina

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta subarbustiva perene, típica de zonas atlânticas e húmidas da Europa Ocidental que pode atingir até 1 metro de altura. É uma espécie relativamente rara, restrita a solos ácidos e húmidos, como charnecas, turfeiras, prados encharcados e margens de caminhos siliciosos. Pode atingir entre 20 e 60 cm de altura, formando arbustos baixos e densos. Apresenta folhas pequenas e verticiladas, com margens ciliadas (com pequenos pelos finos), o que lhe dá o nome “*ciliaris*”. As flores são vistosas, grandes para o género, de cor rosada a púrpura-vivo, em forma de sino globoso, agrupadas em inflorescências terminais. As flores de *E. ciliaris* são mais inchadas e brilhantes, facilitando a diferenciação face a outras urzes comuns (*Erica tetralix*, *Erica cinerea*, etc.).

Sabia que...

O epíteto *ciliaris* refere-se aos pequenos pelos (cílios) que margeiam as folhas, uma característica distintiva da espécie. Tal como outras urzes, foi usada em ramos simbólicos em festividades rurais, como o São João, onde se queimavam urzes como forma de purificação. Ecologicamente, é muito apreciada pelos abelhões e associa-se a fungos micorrízicos ericoides.



Matos, orlas e afloramentos



Insetos



Micorrízicos



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: Vitis vinifera L.

Habitat: Cultivada

Descrição: _____

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 5. V. 2011

Colector e Identificador: Pedro M. B. P. Gomes

VIDEIRA-BRAVA

Vitis vinífera



VIDEIRA-BRAVA

Vitis vinifera

L., 1753

Família *Vitaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Arbusto de folha caduca que trepa com a ajuda de gavinhas, podendo atingir até 20 metros. É uma das plantas cultivadas mais antigas e culturalmente mais importantes do mundo. É nativa da região que se estende do sul do Cáucaso ao Mediterrâneo, mas há milhares de anos que é cultivada em toda a Europa, incluindo Portugal, tanto para produção de uvas de mesa como para a vinificação (produção de vinho). Apresenta caules lenhosos e sarmentosos, que podem viver várias décadas. As folhas são palmadas e lobadas, caducas, e os gavinhas permitem que a planta se prenda a suportes. As flores são pequenas, esverdeadas e discretas, reunidas em cachos, e os frutos são bagas suculentas – as uvas – de grande variabilidade de cor, tamanho e sabor.

Sabia que...

A videira foi domesticada há mais de 8.000 anos no Cáucaso e difundida por egípcios, gregos e romanos, culturas em que a vinha e o vinho assumiram forte valor simbólico, associados a Osíris no Egito e a Dionísio/Baco no mundo greco-romano. Também mencionada na Bíblia, simboliza vida e abundância. *Vitis vinifera* possui milhares de variedades e Portugal é dos países com maior diversidade genética. Em Tibães surge na forma cultivada, com uvas pequenas que alimentam aves frugívoras. É muito sensível a fungos parasitários como o míldio e o oídio.



Agrícola/rural



Aves



Parasitários



Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Espécie: Viola riviniana Rehb.

Habitat: Bosque de carvalhos

Descrição: flores roxas

Localidade: Tibães - Braga

Data de colheita: 13 IV 2011

Colector e Identificador: Pedro M. L. Gomes

VIOLETAS-BRAVAS

Viola riviniana



VIOLETAS-BRAVAS

Viola riviniana

Rchb., 1823

Família *Violaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem

J F M A M J J A S O N D

Floração

J F M A M J J A S O N D



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea perene, de pequeno porte, com folhas cordiformes (em forma de coração) ou ovadas, com margens ligeiramente crenadas e inseridas em roseta basal. As flores, de cor violeta a lilás, apresentam cinco pétalas – a inferior com linhas mais escuras e um esporão claro e relativamente curto na parte posterior, que ajuda a distingui-la de outras violetas. Floresce geralmente antes de a vegetação arbórea fechar o dossel, aproveitando a luz da primavera. Comum em matas caducifólias, orlas florestais, clareiras sombrias, taludes e margens de caminhos húmidos, preferindo solos frescos e ricos em matéria orgânica.

Sabia que...

As violetas-bravas são polinizadas por abelhas, moscas e borboletas, e as suas sementes podem ser dispersas por formigas, num processo chamado mirmecocoria. Embora esta espécie não tenha uso medicinal conhecido, outras violetas são usadas como expectorantes, calmantes e anti-inflamatórias. Pode ser confundida com *Viola reichenbachiana*, mas distingue-se pelo esporão claro e pelas pétalas mais arredondadas.



Bosques perenifólios



Insetos



Medicinal

AZÁLEA

Rhododendron indicum



AZÁLEA

Rhododendron indicum

(L.) Sweet, 1830

Família *Ericaceae*

Distribuição nacional Exótico

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Arbusto ornamental perenifólio, muito ramificado, que pode atingir 0,5 a 2 metros de altura. É originário da Ásia oriental, mas encontra-se amplamente cultivado como planta ornamental em todo o mundo. As folhas são pequenas, ovadas a lanceoladas, verde-escuras e de textura ligeiramente coriácea. Na primavera produz abundantes flores grandes e vistosas, de forma campanulada, em tons de rosa, vermelho, branco ou roxo, consoante a variedade. As flores surgem isoladas ou em pequenos grupos nas extremidades dos ramos, criando um efeito ornamental marcante. Cultivado sobretudo em jardins e parques, prefere solos ácidos, ricos em matéria orgânica e bem drenados, desenvolvendo-se melhor em locais sombrios ou com luz solar filtrada.

Sabia que...

A azálea é uma planta tóxica se ingerida (folhas e flores contêm grayanotoxinas). Não possui usos medicinais reconhecidos na fitoterapia comum. Muito cultivada como planta ornamental em jardins pela sua floração exuberante. É também comum em bonsais e em celebrações tradicionais no Japão.



Jardins



Insetos



Ornamental

AZEVINHO
Ilex aquifolium



AZEVINHO

Ilex aquifolium

L., 1753

Família *Aquifoliaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore ou arbusto de folha perene localizada em solos frescos e húmidos, comum em bosques sombrios de clima temperado, que pode atingir até 10 metros de altura (ocasionalmente até 25 metros). Raminhos jovens geralmente verde brilhantes, tornando-se glabros e brilhantes. As flores são pequenas, esbranquiçadas e dioicas, ou seja, existem plantas masculinas e femininas. Os frutos são drupas vermelhas, tóxicas para humanos, que persistem no inverno.

Sabia que...

O azevinho está profundamente ligado às tradições natalícias europeias, pelas folhas verdes brilhantes e frutos vermelhos, símbolos de proteção e boa sorte. Historicamente usado para afastar maus espíritos e decorar casas no inverno, é hoje muito apreciado como ornamental em jardins e sebes. As bagas, tóxicas para o ser humano, constituem uma importante fonte de alimento para aves no inverno.

Trata-se de uma espécie protegida em Portugal, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 423/89, de 4 de dezembro.



Matos, orlas e afloramentos



Aves



Micorrízicos

ANÉMONA-DOS-BOSQUES

Anemone trifolia subsp. albida



ANÊMONA-DOS-BOSQUES

Anemone trifolia subsp. albida

(Mariz) Ulbr, 1905

Família *Ranunculaceae*

Distribuição nacional Endemismo ibérico

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea perene, de pequeno porte, com folhas basais divididas em três folíolos (trifoliadas), geralmente ovados e de margem irregularmente dentada. A flor é solitária, com 5 a 8 tépalas brancas (por vezes rosadas no verso), de aparência delicada, semelhante a uma pequena estrela. Surge em hastes eretas, sem folhas, na primavera. Bosques húmidos e sombrios, especialmente carvalhais e galerias ripícolas. Prefere solos frescos, ricos em húmus e com boa drenagem.

Sabia que...

Endémica da Península Ibérica, esta subespécie tem distribuição muito restrita no Noroeste de Portugal. É um bom indicador de habitats bem conservados e de florestas relictas. Como geófita de sub-bosque, floresce no final do inverno e início da primavera, aproveitando a luz antes de a copa das árvores fechar, entrando depois em dormência. As flores surgem no final do inverno e atraem abelhas solitárias e outros pequenos polinizadores, servindo como um dos primeiros recursos florais da estação.



Bosques caducifólios



Insetos



Ornamental

AVENCA-NEGRA

Asplenium onopteris



AVENCA-NEGRA

Asplenium onopteris

L., 1753

Família *Aspleniaceae*

Distribuição nacional Predominante mediterrânica

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Feto de pequeno a médio porte, com frondes brilhantes, verde-escuras, finamente divididas e dispostas em tufos. As pinas (folíolos laterais) são estreitas, alongadas e ligeiramente dentadas, dispostas de forma alternada ao longo do ráquis (caule central da fronde). O caule é fino e escuro, quase preto – o que lhe dá o nome comum de “avenca-negra”. As frondes podem atingir entre 10 a 40 cm de comprimento. Habita locais sombrios, frescos e húmidos, frequentemente em solos rochosos, fendas de muros, taludes, bosques e encostas. Toler a alguma exposição, mas prefere sombra parcial e humidade constante.

Sabia que...

É frequentemente confundida com o feto-negro (*Asplenium adiantum-nigrum*), mas distingue-se pelas frondes mais estreitas e lanceoladas, com pinas lineares e ráquis escura e brilhante. Vive em fendas de muros e rochas sombrias e húmidas, formando pequenas touceiras perenes. Os soros são lineares, alinhados às nervuras e cobertos por indúcio estreito. Como feto, não tem flores nem polinizadores, mas as frondes criam micro-*habitats* que abrigam pequenos invertebrados.



Rochas e muros



Sem associações conhecidas



Ornamental

BÉTULA
Betula pubescens



BÉTULA

Betula pubescens

Ehrh., 1791

Família *Betulaceae*

Distribuição nacional Plurriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore caducifólia de porte médio, que pode atingir entre 10 a 20 metros de altura. Apresenta tronco esguio com casca esbranquiçada ou acinzentada, que se desprende em tiras finas. As folhas são simples, alternas, ovadas a romboidais, com margens serradas e uma leve pilosidade, especialmente nos ramos jovens. As flores são unissexuais, dispostas em amentilhos pendentes, que surgem na primavera antes ou durante a foliação. Os frutos são pequenas sâmaras aladas agrupadas em cachos cilíndricos.

Sabia que...

A bétula é uma das primeiras espécies a colonizar terrenos degradados ou queimados, funcionando como uma espécie pioneira. A sua madeira é leve e pode ser usada em utensílios, papel e contraplacado. Tradicionalmente, a seiva era extraída na primavera para produzir bebidas fermentadas e remédios naturais. A casca, resistente e impermeável, foi usada por povos nórdicos para revestimentos, calçado e até escrita. Além disso, tem um papel importante na ecologia das florestas frias, oferecendo abrigo e alimento a várias espécies de fauna, especialmente insetos. Na natureza, fornece abrigo e alimento a insetos, formando micorrizas com fungos como boletos e lactários.



Bosques caducifólios



Insetos



Micorrízicos

CARDO-ROXO

Cirsium vulgare



CARDO-ROXO

Cirsium vulgare

(Savi) Ten., 1835

Família *Asteraceae*

Distribuição nacional Predominante europeia

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea bienal, robusta, que pode atingir até 1,5 metros de altura. Apresenta caule erecto, muito espinhoso, com sulcos e coberto de pelos. As folhas são grandes, profundamente recortadas, com margens dentadas e espinhos rígidos, dispostas de forma alternada. As inflorescências são capítulos solitários ou em grupos, com flores tubulosas de cor roxa a púrpura, rodeadas por brácteas também espinhosas. Toda a planta tem uma aparência imponente e defensiva. Habita terrenos perturbados, margens de caminhos, baldios, campos cultivados, pastagens abandonadas e clareiras de matas. Prefere solos bem drenados, com boa exposição solar.

Sabia que...

É a flor nacional da Escócia, onde os cardos (particularmente os do género *Cirsium*) são símbolo de resistência e bravura desde a Idade Média. Segundo a lenda, um grupo de invasores nórdicos descalços foi denunciado pelo grito de um ao pisar um cardo — o que terá salvo os escoceses de um ataque surpresa. Embora seja frequentemente considerada uma "erva daninha", o seu papel na regeneração de solos perturbados e na sustentação de cadeias tróficas faz dela uma espécie-pioneira ecologicamente relevante. Importante planta nectarífera para abelhas, abelhões e borboletas. As sementes são consumidas por aves (como pintassilgos), e os caules podem albergar insetos.



Bosques caducifólios



Insetos



Ornamental

CEDRO-DOS-HIMALAIAS

Cedrus deodara



CEDRO-DOS-HIMALAIAS

Cedrus deodara

(Roxb. ex D. Don) G. Don, 1830

Família *Pinaceae*

Distribuição nacional Exótico

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Conífera de grande porte, podendo atingir 40-50 metros de altura. É nativa do leste do Afeganistão, nordeste do Paquistão, noroeste da Índia, leste do Nepal e sudoeste do Tibete (China). Possui copa inicialmente cônica e pontiagudo, tornando-se mais irregular com a idade, com ramos longos e arqueados com pontas pendentes, conferindo-lhe um aspeto elegante. As folhas são aciculares, verde-acinzentadas ou azuladas, dispostas em tufos. Produz cones ovóides eretos nos ramos superiores, que libertam sementes após a maturação. É uma espécie de crescimento rápido entre o género *Cedrus*, muito apreciada em parques e jardins.

Adapta-se bem a climas temperados e solos bem drenados.

Sabia que...

O nome *deodara* vem do sânscrito “devadara”, “madeira dos deuses”, refletindo o valor espiritual do cedro-do-Himalaia nas culturas hindus e budistas, onde simboliza pureza, resistência e ligação espiritual. A sua madeira, resistente, aromática e repelente de insetos, é usada em templos e construções. Fora da região nativa, é cultivado como ornamental pelo porte majestoso e a folhagem elegante. Associa-se a fungos micorrízicos típicos de coníferas como *Laccaria*, *Amanita muscaria* e algumas espécies de boletos. Na cerca do Mosteiro de São Martinho de Tibães, do lado norte do lago, existem dois exemplares classificados, desde 2010, como

Árvores Notáveis de Portugal.



Jardins



Aves



Micorrízicos

CORNICHÃO-DOS-RIOS

Lotus pedunculatus



CORNICHÃO-DOS-RIOS

Lotus pedunculatus

Cav., 1793

Família *Fabaceae*

Distribuição nacional Pluriregional ou subcosmopolita

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Planta herbácea perene, rastejante ou ascendente, com caules ocos e pilosos que podem atingir até 60 cm. As folhas são compostas, com cinco folíolos ovados – três terminais e dois basais mais pequenos. As inflorescências são umbeliformes, com 5 a 12 flores amarelas vibrantes agrupadas em longos pedúnculos (hastes florais), mais longos que as folhas. O fruto é uma vagem fina, longa e reta. Habita zonas húmidas, prados alagadiços, margens de ribeiros, charcos e terrenos encharcados. Prefere solos ácidos ou neutros, ricos em matéria orgânica, com boa disponibilidade hídrica. Extremamente atrativa para abelhas, abelhões e borboletas, sendo uma planta nectarífera de grande importância. As suas flores também servem de fonte alimentar para larvas de insetos polinizadores.

Sabia que...

Como leguminosa, estabelece simbiose com bactérias fixadoras de azoto (rizóbios), enriquecendo o solo. Pode também associar-se a fungos micorrízicos em solos não perturbados. Por ser adaptada a solos encharcados, é usada em alguns projetos de restauro de zonas húmidas e renaturalização de linhas de água. É um excelente indicador de *habitats* bem conservados e húmidos, sendo menos comum em zonas secas ou intensamente cultivadas.



Zonas húmidas



Insetos



Ornamental

HORTÊNSIA

Hydrangea macrophylla



HORTÊNSIA

Hydrangea macrophylla

(Thunb.) Ser., 1830

Família *Hydrangeaceae*

Distribuição nacional Exótico

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Arbusto caducifólio ornamental, de 1 a 2 metros de altura, nativo da Ásia e muito cultivado em Portugal. Tem folhas grandes, ovadas, verdes, que ficam avermelhadas no outono. As inflorescências são globosas e vistosas, com flores de cor azul, rosa, branca ou púrpura, variando conforme a acidez do solo. Prefere locais húmidos e sombrios, com solos ricos e ácidos, sendo comum em jardins e parques do norte e centro do país.

Sabia que...

Embora não sejam nativas de Portugal, as hortênsias estão profundamente integradas na paisagem cultural do Noroeste, tornando-se um dos elementos mais emblemáticos de quintas, caminhos rurais e espaços conventuais. A cor das flores varia consoante o pH do solo: azul em solos ácidos e rosa em solos alcalinos. Introduzidas na Europa no século XVIII, tornaram-se rapidamente populares em jardins monásticos e aristocráticos.



Jardins



Insetos



Ornamental

PINHEIRO-MANSO

Pinus pinea



PINHEIRO-MANSO

Pinus pinea

L., 1753

Família *Pinaceae*

Distribuição nacional Predominante mediterrânica

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore robusta, nativa da região mediterrânica. Pode atingir até 30 metros de altura e apresenta um copa semi-esférica em forma de guarda-sol. As folhas são acículas perenes, dispostas em fascículos de dois, com comprimento entre 10 a 20 cm. Os cones, ovoides a globosos e de consistência lenhosa, maturam ao fim de aproximadamente três anos, contendo sementes grandes e comestíveis, denominadas de pinhões, cuja dispersão é maioritariamente zoocórica. Com flores masculinas e femininas, o pinheiro-manso beneficia de polinização cruzada, realizada pelo vento, sendo o processo de fecundação moroso. São necessários três anos para que a pinha, de cor castanho-brilhantes, amadureçam. Bem-adaptada climas secos e solos arenosos.

Sabia que...

O pinheiro-manso é apreciado pelos seus pinhões, conhecidos como “ouro branco” ou “caviar da floresta”, muito usados na gastronomia mediterrânica. Começa a produzir pinhas por volta dos 8 a 10 anos, mas só a partir dos 15 a 20 a produção ganha interesse comercial. Menos resinosa e inflamável do que outras espécies do género, é utilizada em zonas periurbanas e em projetos de arborização paisagística. Associa-se a fungos micorrízicos, como *Suillus* e *Lactarius deliciosus*. No Mosteiro de São Martinho de Tibães, os soalhos eram feitos com madeira de pinheiro-manso, mais resistente à humidade. Ainda hoje, no corredor da galeria dos gerais, podem observar-se tábuas com cerca de 7 m de comprimento e 70 cm de largura.



Encostas secas



Aves



Micorrízicos

BORDO

Acer pseudoplatanus



BORDO

Acer pseudoplatanus

L., 1753

Família *Sapindaceae*

Distribuição nacional Predominante europeia

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore caducifólia de grande porte, podendo atingir entre 20 a 35 metros de altura. Possui uma copa ampla e densa, com tronco direito e casca acinzentada que se desprende em placas com a idade, expondo manchas levemente alaranjadas. As folhas são grandes, opostas, com cinco lobos bem marcados e margens ligeiramente dentadas, de cor verde-escura na página superior e mais claras na inferior. O tamanho e recorte variam com a idade. As flores, esverdeadas e pouco vistosas, surgem na primavera em cachos pendentes após o desenvolvimento foliar. Os frutos são sâmaras duplas (em forma de hélice), que se dispersam facilmente pelo vento.

Sabia que...

O plátano-bastardo é originário da Europa Central e Meridional, mas foi amplamente plantado em outras regiões devido à sua resistência e valor ornamental. Apesar do nome científico sugerir semelhança com o plátano (*Platanus*), não estão diretamente relacionados. A madeira é apreciada pela sua qualidade, utilizada na marcenaria fina e em instrumentos musicais. É também uma espécie importante para a fauna, oferecendo alimento e abrigo a várias espécies de aves e insetos. Associa-se a fungos micorrízicos, como boletos, amanitas e laccarias, sendo também suscetível a parasitários como o fungo-do-alcatrão (*Rhytisma acerinum*).



Jardins



Insetos



Micorrízicos

RODODENDRO

Rhododendron ponticum subsp. baeticum



RODODENDRO

Rhododendron ponticum subsp. baeticum

(Boiss. & Reut.) Hand.-Mazz., 1909

Família *Ericaceae*

Distribuição nacional Endemismo ibérico

Risco de extinção Vulnerável

Folhagem

J F M A M J J A S O N D

Floração

J F M A M J J A S O N D



Distribuição em Portugal

Descrição

Arbusto perene de porte médio, que pode atingir até 3 metros de altura. Apresenta folhas grandes, coriáceas, elípticas a lanceoladas, com brilho na página superior.

As flores são vistosas, de cor rosa a lilás, agrupadas em inflorescências terminais densas, em forma de cacho. Floração abundante na primavera. Prefere solos ácidos, frescos e bem drenados, geralmente em encostas húmidas, margens de linhas de água e bosques atlânticos sombrios.

Sabia que...

O rododendro contém compostos tóxicos (grayanotoxinas), pelo que não é usado em fitoterapia. Tem elevado valor ornamental, mas a subespécie *baeticum* é criticamente em perigo em Portugal e encontra-se protegida por legislação nacional e europeia, estando incluída em projetos de conservação e reintrodução. Ao contrário da subespécie típica (*R. ponticum*), invasora em várias regiões da Europa, esta tem uma distribuição extremamente restrita e necessita de proteção urgente. As flores são visitadas por abelhões e outros polinizadores, e as raízes associam-se a fungos micorrízicos ericoides, típicos das *Ericaceae*. Em Tibães, os exemplares existentes foram plantados com fins ornamentais.



Bosques caducifólios



Insetos



Ornamental

SOBREIRO

Quercus suber



SOBREIRO

Quercus suber

L., 1753

Família *Fagaceae*

Distribuição nacional Predominante mediterrânica

Risco de extinção Pouco preocupante

Folhagem



Floração



Distribuição em Portugal

Descrição

Árvore de porte médio a robusto, que pode atingir até 25 metros de altura e viver entre 250 e 300 anos. A copa é ampla, densa e arredondada, sustentada por ramos irregulares e frequentemente tortuosos. As folhas são simples, alternas, oblongas a ovadas, com margens ligeiramente onduladas e por vezes espinhosas, medindo entre 4 e 7 cm. A página superior é verde-escura e brilhante, enquanto a inferior é acinzentada a esbranquiçada, com pubescência densa. Trata-se de uma espécie perenifólia, mantendo a folhagem durante várias estações. As flores são pequenas e unissexuais: as masculinas agrupam-se em amentilhos pendentes, enquanto as femininas surgem isoladas ou em pequenos grupos. O fruto é a bolota, parcialmente envolvida por uma cúpula lenhosa, cuja maturação é bienal (ocorre no outono do 2º ano).

Sabia que...

O sobreiro, árvore nacional de Portugal desde 2011 e espécie legalmente protegida, é famoso pela sua casca – a cortiça –, que pode ser extraída sem danificar a árvore e usada em rolhas, isolamentos ou até na indústria aeroespacial. O primeiro descortiçamento ocorre aos 25 anos, podendo repetir-se até 12 a 14 vezes ao longo da vida da árvore. As cavidades e madeira morta são *habitat* da vaca-loura (*Luca-nus cervus*), enquanto bolotas, copas e troncos ocos fornecem alimento e refúgio a aves e mamíferos.



Bosques caducifólios



Escaravelhos
saproxílicos



Micorrízicos

V

LISTA DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DA FLORA DA CERCA DO MOSTEIRO DE TIBÃES

LISTA DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DA FLORA

Nome científico	Nome comum
<i>Acacia dealbata</i> Link	Acácia-dealbada Acácia-mimosa Mimosa
<i>Acacia melanoxylon</i> R. Br. In W. T. Ainton	Acácia Acácia-Austrália Acácia-da-Austrália Acácia-negra-da-Austrália Austrália Pão-das-cabras Pau-para-toda-a-obra
<i>Acer pseudoplatanus</i> L.	Bordo Padreiro Falso-plátano Plátano-bastardo Zélha
<i>Adenocarpus complicatus</i> (L.) J. Gray	Codeço Codeço-de-Monchique Codeço-rasteiro Rasteiro
<i>Agrostis curtisii</i> Kerguélén	Erva-sapa Famanco
<i>Allium triquetrum</i> L.	Alho-bravo Alho-triangular-branco
<i>Amaranthus retroflexus</i> L.	Beldros Bredos Carurú-gigante Moncos-de-Perú
<i>Anagallis arvensis</i> L.	Erva-do-garrotinho Morrião-vermelho Morrião Morrião-dos-campos Morrião-vermelho
<i>Andryala integrifolia</i> L.	Alface-dos-calcários Alface-do-monte Alfavaca Bofe-de-burro Camareira Erva-povilhenta Goivo Tripa-de-ovelha
<i>Anemone trifolia</i> subsp. <i>albida</i>	Anémona-dos-bosques
<i>Anogramma leptophylla</i> (L.) Link	Anograma-de-folha-estreita
<i>Anthemis arvensis</i> L.	Falsa-camomila Margação
<i>Aquilegia vulgaris</i> L.	Aquilégia Columbina Erva-pombinha Luvas-de-Nossa-Senhora Viúvas
<i>Arbutus unedo</i> L.	Ervedeiro Êrvedo Êrvodo Medronheiro Medronheiro-comum Meródios
<i>Arenaria montana</i> L.	Arenária Arisaro
<i>Arum italicum</i> L.	Alho-dos-campos Arrebenta-boi Bigalhó Candeias Erva-da-novidade Jairo Jaro Jarro Jarro-bravo Jarreiro Jarro-comum Jarros-dos- campos Sapintina Serpentina Serpentinola
<i>Asplenium adiantum-</i> <i>nigrum</i> L.	Feto-negro Fento-negro

Nome científico	Nome comum
<i>Asplenium onopteris</i> L.	Avenca-negra
<i>Asplenium trichomanes</i> L.	Avenca-branca Avenção Politrico Politrico-das- boticas
<i>Betula pubescens</i> Ehrh.	Bétula
<i>Blechnum spicant</i> (L.) Roth	Não tem
<i>Briza maxima</i> L.	Abelhinhas Bole-bole-maior Bole-bole Bule-bule Bule-bule-grado Campainhas-do-diabo Chocalheira-maior Quilhão-de-galo
<i>Briza minor</i> L.	Bule-bule Bule-bule-menor Bule-bule-miúdo Chocalheira-menor Chocalheirinha Pandeirinha
<i>Buxus sempervirens</i> L.	Buxo Buxo-arbóreo Buxo-comum Olho-de-gato
<i>Calendula arvensis</i> L.	Calendula Erva-vaqueira Vaqueira Malmequer-dos- campos
<i>Calluna vulgaris</i> (L.) Hull	Leiva Mongariça Queiró Queiró-das-ilhas Queiroga Rapa Torga Torga-ordinária Urze Urze-roxa
<i>Camellia japonica</i> L.	Camélia Japoneira
<i>Campanula erinus</i> L.	Campaínhas Campânula
<i>Campanula lusitanica</i> L.	Campaínhas Campânula
<i>Capsella bursa-pastoris</i> (L.) Medik.	Bolsa-de-pastor Bolsa-do-pastor Erva-do-bom-pastor
<i>Carex muricata</i> L.	Não tem
<i>Castanea sativa</i> Mill.	Castanheiro Castanheiro-comum Castanheiro-vulgar Reboleiro
<i>Centaureum maritimum</i> (L.) Fritsch	Centáurea-marinha Genciana-da-praia
<i>Cedrus deodara</i> (Roxb. ex D. Don) G. Don	Cedro-dos-Himalaias
<i>Cerastium glomeratum</i> Thuill.	Cerástio-enovelado Orelha-de-rato

LISTA DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DA FLORA

Nome científico	Nome comum
<i>Cercis siliquastrum</i> L.	Árvore-de-Judas Olaia
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i> (A.Murray) Parl.	Cedro-branco Cedro-do-Oregon Falso-cipreste Falso-cipreste-de-Lawson
<i>Chelidonium majus</i> L.	Aruda Celidónia Cedronha Ceredonha Ceruda Cerúdia Erva-andorinha Erva-leiteira Erva-das- cortadelas Erva-das- verrugas Grande- quelidónia Quelidónia Quelidónia-maior Leitaria
<i>Chenopodium album</i> L.	Ansarina-branca Catassol Erva-couvinha Pedagoso Quenopódio-branco Sincho
<i>Cirsium vulgare</i> (Savi) Ten	Cardo-roxo
<i>Cistus psilosepalus</i> Sweet	Não tem
<i>Clinopodium vulgare</i> L.	Clinopódio Zópiro
<i>Coleostephus myconis</i> (L.) Reichb. F.	Olhos-de-boi Pampilho Pampilho-de-micão
<i>Corylus avellana</i> L.	Avelaneira Aveleira Avelã (fruto)
<i>Crataegus monogyna</i> Jacp.	Abronceiro Branca-espinha Cambrulheiro Combroeiro Escalheiro Escambrulheiro Espinha- branca Espinheiro-alvar Espinheiro-branco Espinheiro-oridnário Estrapoeiro Estrepeiro Pilriteiro Pirliteiro Pilrito (fruto) Pilrete (fruto)
<i>Crepis capillaris</i> (L.) Wallr.	Almeirão-branco Almeiroa Barba-de-falcão
<i>Cupressus lusitanica</i> Mill.	Cedro-de-Goa Cedro-do-Buçaco Cipreste-do-Buçaco
<i>Cystopteris fragilis</i> (L.) Bernh.	Não tem
<i>Cytisus scoparius</i> (L.) Link	Chamiça Giesta Giesta-brava Giesta-negral Giesta-ribeirna Giesteira Giesteira-comum Giesteiras-das-serras Giesteira-das-vassouras Maias Retama
<i>Daboecia cantabrica</i> (Huds.) K. Koch	Urze-cantábrica

Nome científico	Nome comum
<i>Dactylis glomerata</i> L.	Dactila Dáctilo Dáctilo-comum Dáctilo-dos-lameiros Erva-dos-combros Panasco Panasco-de-folhas-estretas Panasco-das-areias Pé-de-galo
<i>Daphne gnidium</i> L.	Erva-de-João-Pires Gorreiro Lauréola-macha Mezereão-menor Trovisco Trovisco-fêmea Trovisqueira
<i>Datura stramonium</i> L.	Castanheiro-do-diabo Erva-do-diabo Erva-dos-bruxos Erva-dos-mágicos Estramónio Figueira-brava Figueira-do-inferno Pomo-espinhoso
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura-brava Cenoura-brava-marítima Erva-coentrinha
<i>Digitalis purpurea</i> L.	Não tem
<i>Digitaria sanguinalis</i> (L.) Scop.	Milhã Milhã-de-pendão Milhã-digitada Pé-de-galinha
<i>Echium plantagineum</i> L.	Chupa-mel Língua-de-vaca Soagem Soagem-viperina
<i>Epibolium lanceolatum</i> Sebast. Mauri	Epilóbio-serrilhado
<i>Erica ciliaris</i> L.	Carapaça Cordões-de-freira Lameirinha Urze-carapaça Urze-das-cílios
<i>Erigeron karvinskianus</i> DC.	Margacinhas Vitadinia-das-floristas
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto-comum Gomeiro-azul
<i>Euphorbia amygdaloides</i> L.	Não tem
<i>Euphorbia peplus</i> L.	Êsula-redonda Sarmento
<i>Fragaria vesca</i> subsp. <i>vesca</i> L.	Fragaria Moranga Morango Morangueiro Morangueiro-bravo
<i>Frangula alnus</i> Mill.	Amieiro-negro Frângula Fúsaro Lagarinho Sangarinheiro Sangarinheiro-de-água Sanguinho Sanguinho-bastardo Sanguinho-de-água Zangarinheiro Zangarinho

LISTA DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DA FLORA

Nome científico	Nome comum
<i>Fumaria capreolata</i> L.	Catarinas-queimadas Erva-das-candeias Erva- moleirinha-maior Fumária-maior
<i>Fumaria muralis</i> Sond. ex Koch	Fumária-das-paredes Fumo-da-terra Mata-fogo Salta-sebes Sebes
<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	Erva-da-moda
<i>Galium</i> sp.	Coalha-leite
<i>Gamochaeta purpurea</i> (L.) Cabrera	Não tem
<i>Genista triacanthos</i> Brot.	Rainha-lobo Tojo-gatão-menor Tojo-molar
<i>Geranium molle</i> L.	Bico-de-pomba-menor
<i>Geranium robertianum</i> L.	Bico-de-grou Erva-de-São-Roberto Erva-de-São-Roque Erva-roberta Pássara
<i>Gladiolus illyricus</i> Koch	Espadana-dos-montes Acoro-falso Bordões-de-São-José Calças-de-cuco Espadana-bulbosa Estoque Gladiolo Palmas-de-Santa-Rita
<i>Hedera maderensis</i> K. Koch	Não tem
<i>Holcus lanatus</i> L.	Erva-lanar Erva-branca Erva-maior Erva-mansa Erva-molar Erva-mole Erva-serôdia Nevoeiro-de- Yorkshire
<i>Hordeum murinum</i> L.	Cevada-das-lebres Cevada-dos-ratos Erva-de-espiga Erva-molar Falsa-cevada Rengo
<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	Hortênsia
<i>Hypericum androsaemum</i> L.	Androsemo Erva-da-pedra Erva-mijadeira Mijadeira Hiperício-do-Gerês
<i>Hypericum humifusum</i> L.	Erva-das-mil-folhinhas Milfurada Hiperício-rasteiro
<i>Hypericum perforatum</i> L.	Erva-de-São-João Hiperício Hiperico Milfurada
<i>Hypochaeris radicata</i> var. <i>radicata</i> L.	Erva-das-tetas Leitirigas Leituregas Leituga Leitugas Orelha-de-gato
<i>Jasione montana</i> L.	Baton-azul Botão-azul

Nome científico	Nome comum
<i>Lamium maculatum</i> L.	Chuchas Chucha-pitos Coelho Lâmio-maculado
<i>Lamium purpureum</i> L.	Lâmio-roxo
<i>Laurus nobilis</i> L.	Loureiro Loureiro-comum Loureiro-vulgar Loureiro-dos-Poetas Loireiro-vulgar Louro
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Alfazema Lavanda
<i>Lavatera cretica</i> L.	Lavatera Lavatera-silvestre Lavatera-silvestre Lavátra Lavátra-silvestre Malva Malva-alta Malva-bastarda
<i>Ligustrum vulgare</i> L.	Alfena Alfeneiro Alfenheiro Ligustro Santantoninhas Santoninhas
<i>Linaria triornithophora</i> (L.) Willd.	Esporas-bravas
<i>Liriodendron tulipifera</i> L.	Árvore-do-ponto Tulipeiro Tulipeiro-da-Virgínia
<i>Lobularia maritima</i> (L.) Desv.	Açafate-de-prata Escudinha
<i>Lolium temulentum</i> L.	Joio Joio-mútico
<i>Lonicera periclymenum</i> L.	Madressilva Madressilva-das-boticas Madressilva-esverdeada Madressilva-sem-pêlos
<i>Lotus pedunculatus</i> Cav.	Erva-coelheira, cornichão-dos-rios
<i>Lupinus luteus</i> L.	Tremoço-amarelo Tremocilha Tremocilha-amarela Tremoço-amarelo
<i>Lythrum junceum</i> Banks f Sol.	Erva-sapa Salgueirinha Salicária-dos-juncos
<i>Medicago arabica</i> (L.) Huds	Erva-médica Luzerna-arábica Luzerna-da-Arábia
<i>Melissa officinalis</i> L.	Citronela-pequena Erva-cidreira Melissa
<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.	Hortelã-brava Mentastro Mentrasto Montraste Montrastes
<i>Mercurialis ambigua</i> L. fil.	Arradoiro Erva-mercúrio Mercurial Urtiga-bastarda Urtiga-morta Urtiga-morta-bastarda

LISTA DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DA FLORA

Nome científico	Nome comum
<i>Misopates orontium</i> (L.) Raf.	Não tem
<i>Myosotis welwitschii</i> Boiss. et Reut.	Miosótis Não-me-esqueças
<i>Olea europaea</i> L.	Oliveira-brava Zambujo Zambujeiro Zambuzeiro
<i>Omphalodes nitida</i> (Willd.) Hoffmanns. † Link.	Não tem
<i>Ornithopus compressus</i> L.	Senradela-amarela Serradela Serradela-amarela Serradela-brava Serradela-estreita-serrim Serradelas Serrim Trevo-pé-de-pássaro
<i>Quercus robur</i> L.	Albarinho Alvarinho Carvalho Carvalho Carvalho-alvarinho Carvalho-comum Carvalho-roble Roble
<i>Quercus rubra</i> L.	Carvalho-americano
<i>Quercus suber</i> L.	Sobreiro
<i>Oxalis latifolia</i> Kunth	Azedinha-de-folhas-roxas
<i>Oxalis purpurea</i> L.	Não tem
<i>Papaver dubrium</i> L.	Papoila Papoila-longa Papoula-longa
<i>Parietaria judaica</i> L.	Alfavaca Alfavaca-de-cobra Alfavaca-de-cova Amarras Cobrinha Columbrina Erva-das-muralhas Erva-das-paredes Erva-de-Nossa-Senhora Erva-de-Santa-Ana Erva-de-Santana Erva-do-amorra Erva-dos-muros Erva-fura-paredes Fava-da-cova Helxina Parietária Pulitaina Pulitária Urtiga-mansa
<i>Paspalum paspalodes</i> L.	Grama-de-Joanópolis Graminhão Grama-de-ponta
<i>Pedicularis sylvatica</i> L.	Não tem
<i>Pentaglottis sempervirens</i> (L.) Tausch † Bailey	Olhos-de-gato
<i>Phyllostachys</i> sp.	Bambu

Nome científico	Nome comum
<i>Phytolacca americana</i> L.	Baga-moira Erva-dos-cachos-da-Índia Erva-dos-cântaros Erva-dos-tintureiros Erva-tintureira Fitolaca Gaia-moça Tintureira Uva-da-América Uva-do-Canadá Uva-dos-tintureiros Uva-dos-passarinhos Vermelhão Vinagreira
<i>Pinus pinaster</i> Aiton	Pinheiro-bravo Pinheiro-das-landes Pinheiro-marítimo
<i>Pinus pinea</i> L.	Pinheiro-manso
<i>Plantago lanceolata</i> L.	Acatá Calracho Carrajó Corrijó Corrojó Corrió Erva-de-ovelha Língua-de-ovelha Língua-de-vaca Orelha-de-cabra Ovelha Tanchagem Tanchagem- das-boticas Tanchagem-menor Tanchagem-ordinária Tanchagem-terrestre Tantage
<i>Plantago major</i> L.	Chantage Chentage Chinchage Chinchagem Chinchais Engorda-porcos Erva-das-sete-linhas Erva-dos-sete-castelos Sinchais Tanchage Tanchagem Tanchagem-folha-larga Tanchagem-maior Tantage
<i>Polygonatum odoratum</i> (Mill.) Dru.	Selo-de-Salomão
<i>Polygonum persicaria</i> L.	Cristas Erva-das-pulgas Erva-pessegueira Erva-pulgueira Persicária Persicária-vulgar Pessegueira Pesseguelha
<i>Polypodium cambricum</i> L.	Fentelho Polipódio
<i>Polystichum setiferum</i> (Forssk.) Moore	Fentanha
<i>Potentilla erecta</i> (L.) Raeusch.	Consola-vermelha Potentila Potentilha Quinquéfólio Cinco-em-rama Sete-em-rama Solda Tomentilha Tomentina Tormentila Tormentilha Tormentina
<i>Primula acaulis</i> (L.) L.	Barral Copinhos-de-leite Flor-da-doutrina Pão-de- leite Pão-e-queijo Páscoas Primavera Primaveras Prímula Queijadinho Rosas-de-Páscoa

LISTA DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DA FLORA

Nome científico	Nome comum
<i>Prunella vulgaris</i> L.	Brunéla Consolda-menor Erva-férrea Prunela
<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn	Feteiro Feto Feto-do-monte Feto-dos-montes Feto-fêmea Feto-fêmea-das-boticas Feto-ordinário Feitos
<i>Ranunculus muricatus</i> L.	Botões-de-ouro Bugalho Ranúnculo-das-pontas
<i>Ranunculus repens</i> L.	Botão-de-oiro Botão-de-ouro Erva-belida Erva-Quaresma Flores-de-Quaresma Pataló Ranúnculo-pantaló Ranúnculo-rasteiro Ranúnculo-rastejante
<i>Raphanus raphanistrum</i> L.	Cabestros Ineixa Labrêsto-branco Rábão Rábão-branco Rábão-silvestre Saramago Saramago-de-fruto-articulado Saramago-de-fruto-grosso
<i>Rhododendron indicum</i> L.	Azálea
<i>Rhododendron ponticum</i> subsp. <i>baeticum</i> (Boiss. & Reut.) Hand.-Mazz	Rododendro
<i>Rorippa nasturtium-aquaticum</i> (L.) Hayek	Agrião-de-água Agrião-da-ribeira Mastruço-dos-rios Rabaça-dos-rios Agrião-silvestre Agrião-das-fontes Agrião-do-rio
<i>Rubus ulmifolius</i> Schott	Amoras-silvestres Silva Silva-brava Silvado-bravo
<i>Rumex acetosa</i> L.	Azeda Azedas Azedas-bravas Erva-vinagreira Vinagreira
<i>Rumex acetosella</i> L.	Acetosela Azeda-dos-noivos Azeda-dos-ovinos Azeda-mansa Azedinha Erva-azeda Língua-de-andorinha
<i>Ruscus aculeatus</i> L.	Erva-dos-vasculhos Gilbarbeira Gilberdeira Pica-rato Sazevinho-menor
<i>Salix atrocinerea</i> Brot.	Borrazeira Borrazeira-preta Cinzeiro Salgueiro Salgueiro-cinzento Salgueiro-preto Vimeiro-preto
<i>Salvia officinalis</i> L.	Salva Salva-das-boticas

Nome científico	Nome comum
<i>Salvia rosmarinus</i> L.	Alecrim Alecrim-da-terra Alecrinzeiro Alicrizeiro Rosmaninho
<i>Sanguisorba verrucosa</i> (Link.) Ces.	Pimpinela Pimpinela-pequena
<i>Scilla monophyllos</i> Link	Cebola-albarrã Cila-de-uma-folha
<i>Senecio vulgaris</i> L.	Cardo-morto Tasneirinha
<i>Setaria pumila</i> (Poir.) Roem. & Schult.	Milhã-amarela Milhã-amarelada Milhã-garça Milhã-glaucha Milhã-painceira Milhã-verde
<i>Silene gallica</i> L.	Cabacinha Erva-cabaceira Erva-de-leite Erva-mel Erva-ovelha Gorga Nariz-de-zorra
<i>Silene latifolia</i> Poir.	Assobios
<i>Simethis mattiazzii</i> (Vand.) Sacc.	Craveiro-do-monte Cravo-do-monte Ouropeso
<i>Sisymbrium officinale</i> (L.) Scop.	Eríssimo Eríssimo-das-boticas Erva-dos-cantores Erva-rinçã Rinçã, Saramago-rinçã
<i>Solanum chenopodioides</i> Lam.	Não tem
<i>Solanum nigrum</i> L.	Erva-moira Erva-moira-da-baga-preta Erva-moira-mortal Erva-moira-negra Erva-moira-sem-pêlos Erva-moura Erva-moura-mortal Erva-nociva Erva-noiva Erva-santa Fona-de-porca Solano Tomateiro-bravo Tomateiro-do-diabo
<i>Spergula arvensis</i> L.	Cassamelo Corga Erva-aranha Esparguta Espérgula Gorga
<i>Stachys arvensis</i> (L.) L.	Rabo-de-raposa
<i>Stellaria media</i> Vill.	Erva-canária Erva-moleira Marugem Morugem Morugem-branca Morugem-vulgar Olho-de-toupeira Orelha-de-toupeira
<i>Tamus communis</i> L.	Arrebenta-boi Buganha Baganha Norça-preta Tamo Uva-de-cão
<i>Taraxacum officinale</i> F. H. Wigg	Dente-de-leão

LISTA DAS PRINCIPAIS ESPÉCIES DA FLORA

Nome científico	Nome comum
<i>Teucrium scorodonia</i> L.	Escorodónia Salva-bastarda Salvia-bastarda
<i>Tilia tomentosa</i> Moench	Tília-argêntea
<i>Tolpis barbata</i> (L.) Gaertn.	Leituga Olho-de-mocho
<i>Tradescantia fluminensis</i> Vell.	Erva-da-fortuna Tradescância
<i>Trifolium arvense</i> L.	Pé-de-lebre Trevo-branco
<i>Trifolium campestre</i> Schreb	Trevão Trevo-amarelo
<i>Trifolium pratense</i> L.	Pé-de-lebre Trevo-comum Trevo-dos-prados Trevo-ribeiro Trevo-roxo Trevo-violeta
<i>Trifolium repens</i> L.	Não tem
<i>Tuberaria guttata</i> (L.) Fourr.	Tuberaria-mosqueada Estevinha
<i>Ulex europaeus</i> L.	Leiva Pica-rato Tojo Tojo-arnal Tojo-bravo
<i>Ulex minor</i> Roth	Tojo-molar
<i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy in Ridd.	Bacelos Bifes Cachilro Chapéus-de-parede Chapéu-dos-telhados Cauxilhos Cochilros Conchelos Copilas Couxilgos Orelha-de-monge Sombreininho-dos-telhados Umbigo-de-Vénus
<i>Urtica dioica</i> L.	Ortigão Urtiga Urtiga-de-cauda Urtiga-maior Urtiga-vivaz Urtiga-vulgar Urtigão
<i>Urtica membranaceae</i> Poir.	Ortigão Ortiga-alta Urtiga-de-cauda
<i>Verbascum virgatum</i> Stokes	Verbasco Verbasco-das-varas
<i>Verbena officinalis</i> L.	Algebrado Aljabão Argebão Erva-dos-lepresos Erva-sagrada Gerbão Gerivão Gervão Gervião Girbão Giribão Jarvão Ulgebrão Ugrabão Verbena
<i>Vicia disperma</i> DC.	Ervilha-branca-miuda Ervilhaca-branca Ervilhaca-dos-relvados Orobo-amarelado
<i>Vicia sativa</i> L.	Ervilhaca-miuda Ervilhaca-vulgar Ervilhaca-dos-trigos Larica Negrta

Nome científico	Nome comum
<i>Viola riviniana</i> Rchb.	Bonelas Violetas-bravas
<i>Vitis vinifera</i> L.	Parreira Videira-europeia Vinha Vinha-brava
<i>Wahlenbergia hederacea</i> (L.) Rchb.	Ruínas

VI

PERCURSO INTERPRETATIVO NA CERCA DO MOSTEIRO DE TIBÃES

Após a apresentação de algumas das espécies mais representativas da cerca do Mosteiro de Tibães, o visitante é convidado a prosseguir com a exploração deste espaço. Segue-se o percurso interpretativo da flora, que permite observar *in situ* os exemplares descritos, estabelecendo contacto direto com as plantas, os aromas, os sons e a luz característicos deste lugar singular.

No mapa que se segue estão assinaladas as áreas de maior interesse ecológico e botânico: o carvalhal sombrio, os antigos olivais e vinhas, as zonas húmidas, as clareiras soalheiras e os caminhos ladeados por vegetação diversa. Cada espaço revela um fragmento da história natural e cultural deste mosteiro. Ao longo do trilho, apresentam-se sugestões de paragem, observação e interpretação – uma oportunidade para olhar com atenção, cheirar e, sobretudo, descobrir.

Incluem-se igualmente desafios e propostas de exploração, pensados para todos os públicos. Podem ser realizados individualmente, em família, com amigos ou em contexto educativo. São pequenos jogos e perguntas que estimulam um olhar mais curioso e ativo: Que planta apresenta folhas em forma de coração? Que árvore serve de abrigo ao maior escaravelho da Europa? Será possível identificar uma planta invasora?

Este percurso é mais do que uma caminhada: constitui uma viagem pelo tempo, pelas estações e pelos ciclos da vida. Cada planta tem uma história para contar — e este guia pretende ajudar a escutá-la.

Boa descoberta!



- 1 Vinha
- 2 Campos das Hortas
- 3 Carvalhal
- 4 Pinhal
- 5 Olival
- 6 Área Florestal Mista
- 7 Passal
- 8 Roseiral
- 9 Horta
- 10 Pomar
- Rota da Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães

Au - *Arbutus unedo*
 Bc - *Betula celtiberica*
 Bs - *Buxus sempervirens*
 Cj - *Camellia japonica*
 Cs - *Castanea sativa*
 Cd - *Cedrus deodara*
 Ca - *Corylus avellana*
 Cm - *Crataegus monogyna*
 Cl - *Cupressus lusitanica*
 Fa - *Frangula alnus*
 Ia - *Ilex aquifolium*
 Oe - *Olea europaea*
 Ppt - *Pinus pinaster*
 Pp - *Pinus pinea*
 Qr - *Quercus robur*
 Qs - *Quercus suber*
 Sa - *Salix atrocinerea*

0 5 20 50m





EXPLORE E APRENDA COM O GUIA DA FLORA DA CERCA DO MOSTEIRO DE TIBÃES

O Mosteiro de Tibães guarda não só um património histórico de grande valor, mas também uma notável diversidade de plantas e habitats. Este guia foi criado para auxiliar a descoberta dessa riqueza, juntando informação científica, curiosidades e desafios que convidam o visitante a observar, pensar e aprender de forma divertida.

Pode utilizá-lo de duas maneiras:

- **Durante a visita ao Mosteiro de Tibães** – percorra os espaços e complete os desafios da **Secção 1**. Vai precisar de atenção e espírito de descoberta!
- **À distância** – na sala de aula, em casa ou noutro local, também pode explorar o guia. Na **Secção 2** encontrará desafios pensados para serem resolvidos apenas com a informação aqui disponível.

No final, encontrará as soluções para todos os desafios.

Preparado para iniciar a descoberta?

SECÇÃO 1

DESAFIO 1

Ciência Cidadã – Junte-se ao Projeto!

A ciência cidadã envolve a participação do público na recolha e análise de dados científicos. Através do registo de observações de espécies qualquer pessoa, independentemente da formação, pode contribuir diretamente no mapeamento e inventariação das espécies aumentando o conhecimento científico. Este contributo coletivo pode gerar dados valiosos sobre a distribuição de espécies e alterações nos ecossistemas, contribuindo diretamente para a sua conservação.

Com o seu apoio, podemos criar uma base de dados rica e precisa. Aceite o desafio e ajude a mapear a biodiversidade do Mosteiro de Tibães!

Descarregue a app iNaturalist: <https://www.inaturalist.org/>

Fotografe plantas, animais e fungos e partilhe as suas observações.



SECÇÃO 1

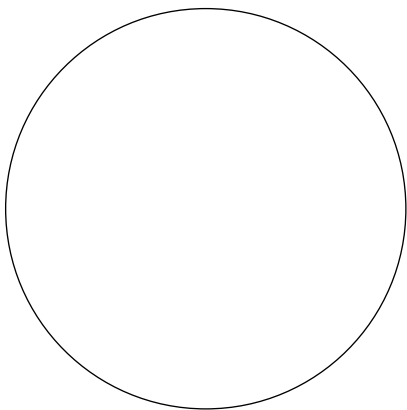
DESAFIO 2

Área do Ilustrador – Desenhe sem Recolher!

A ilustração científica constitui uma forma clara e rigorosa de representar o mundo natural, permitindo registar com precisão as características das espécies. Exige um olhar atento, capaz de captar os detalhes mais subtis, e transforma-se numa ferramenta fundamental para a investigação, a educação e a conservação da biodiversidade. Aceite este desafio e exercite o seu olhar de naturalista: observe com atenção as plantas da cerca do Mosteiro de Tibães e traduza, através do desenho, a singularidade das suas formas e texturas.

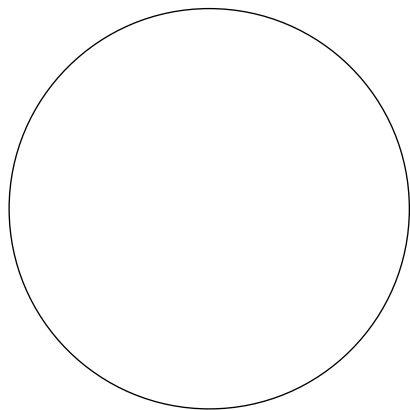


Utilize os círculos para desenhar folhas, flores ou frutos das plantas observadas. Pode utilizar a informação do Guia para identificar as espécies e o local de observação.



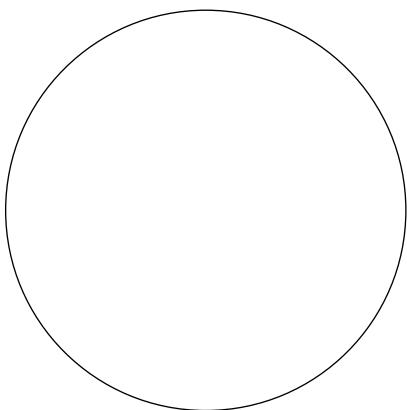
ESPÉCIE _____

LOCAL _____



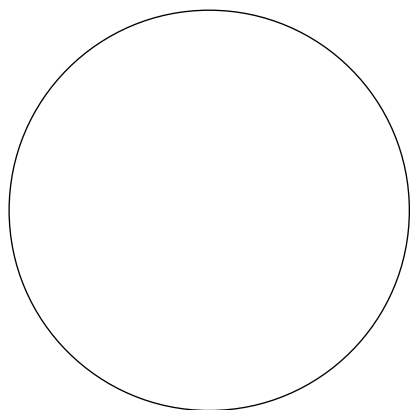
ESPÉCIE _____

LOCAL _____



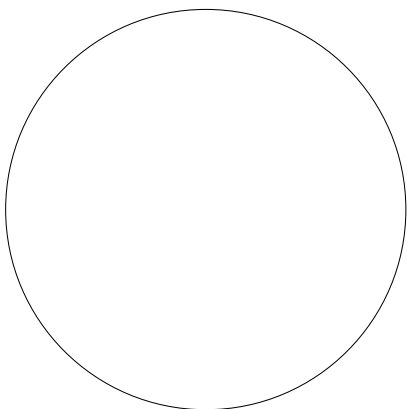
ESPÉCIE _____

LOCAL _____



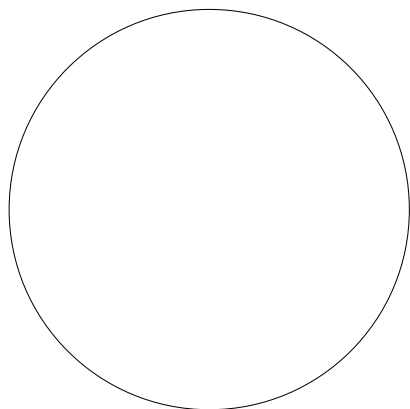
ESPÉCIE _____

LOCAL _____



ESPÉCIE _____

LOCAL _____



ESPÉCIE _____

LOCAL _____

SECÇÃO 2

DESAFIO 3

Quiz botânico

Teste o que aprendeu com o guia!

Responda às seguintes perguntas com diferentes níveis de dificuldade – as respostas estão nas fichas individuais.

1. Qual destas árvores tem agulhas finas em vez de folhas largas?

- ☐ a) Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*)
- ☐ b) Medronheiro (*Arbutus unedo*)
- ☐ c) Cedro-dos-Himalaias (*Cedrus deodara*)
- ☐ d) Loureiro (*Laurus nobilis*)

2. Qual destas árvores tem casca grossa que protege contra o fogo?

- ☐ a) Sobreiro (*Quercus suber*)
- ☐ b) Pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*)
- ☐ c) Cipreste-do-Buçaco (*Cupressus lusitanica*)
- ☐ d) Camélia (*Camellia japonica*)

3. Qual destas árvores tem folhas que caem no outono?

- ☐ a) Medronheiro (*Arbutus unedo*)
- ☐ b) Cedro-dos-Himalaias (*Cedrus deodara*)
- ☐ c) Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*)
- ☐ d) Oliveira (*Olea europaea*)

4. Qual destas árvores é exótica e foi plantada na cerca do Mosteiro de Tibães como ornamental?

- ☐ a) Castanheiro (*Castanea sativa*)
- ☐ b) Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*)

- ☐ c) Sobreiro (*Quercus suber*)
- ☐ d) Cedro-dos-Himalaia (*Cedrus deodara*)

5. Qual destas árvores tem pequenos frutos negros quando maduros?

- ☐ a) Pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*)
- ☐ b) Pinheiro-manso (*Pinus pinea*)
- ☐ c) Cipreste-do-Buçaco (*Cupressus lusitanica*)
- ☐ d) Sanguinho (*Frangula alnus*)

6. Qual destas plantas é conhecida por colonizar terrenos abandonados e produzir amoras comestíveis ricas em vitamina C?

- ☐ a) Silvas (*Rubus ulmifolius*)
- ☐ b) Medronheiro (*Arbutus unedo*)
- ☐ c) Sanguinho (*Frangula alnus*)
- ☐ d) Pilriteiro (*Crataegus monogyna*)

7. Que árvore tem um fruto que usamos para fazer azeite?

- ☐ a) Loureiro (*Laurus nobilis*)
- ☐ b) Oliveira (*Olea europaea*)
- ☐ c) Castanheiro (*Castanea sativa*)
- ☐ d) Medronheiro (*Arbutus unedo*)

8. Qual destas plantas é invasora e vem da América?

- ☐ a) Tintureira (*Phytolacca americana*)
- ☐ b) Camélia (*Camellia japonica*)
- ☐ c) Pilriteiro (*Crataegus monogyna*)
- ☐ d) Alecrim (*Rosmarinus officinalis*)

9. Que planta possui raízes espessas e folhas lobadas, sendo usada no tratamento de verrugas?

- ☐ a) Brunela (*Prunella vulgaris*)
- ☐ b) Fentanha (*Polystichum setiferum*)
- ☐ c) Hortelã-brava (*Mentha suaveolens*)
- ☐ d) Erva-andorinha (*Chelidonium majus*)

10. Que árvore perene é usada no Natal pelas suas folhas e bagas vermelhas?

- ☐ a) Medronheiro (*Arbutus unedo*)
- ☐ b) Azevinho (*Ilex aquifolium*)
- ☐ c) Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*)
- ☐ d) Camélia (*Camellia japonica*)

11. Que planta tem flores amarelas e é usada como cicatrizante?

- ☐ a) Hipericão (*Hypericum perforatum*)
- ☐ b) Urze-cantábrica (*Daboecia cantabrica*)
- ☐ c) Brunela (*Prunella vulgaris*)
- ☐ d) Tintureira (*Phytolacca americana*)

2. O nome "Salvia" vem do latim e significa:

- ☐ a) Crescer
- ☐ b) Curar
- ☐ c) Picar
- ☐ d) Cobrir

13. O nome "auto-cura" está ligado a que planta?

- ☐ a) Hortelã-brava (*Mentha suaveolens*)
- ☐ b) Brunela (*Prunella vulgaris*)
- ☐ c) Sálvia (*Salvia officinalis*)
- ☐ d) Alecrim (*Rosmarinus officinalis*)

4. Qual destas plantas apresenta bagas vermelhas brilhantes e "folhas" rígidas em forma de espinho que são na verdade caules modificados?

- ☐ a) Gilbardeira (*Ruscus aculeatus*)
- ☐ b) Loureiro (*Laurus nobilis*)
- ☐ c) Medronheiro (*Arbutus unedo*)
- ☐ d) Videira-brava (*Vitis vinifera*)

15. O fruto do loureiro (*Laurus nobilis*) é:

- ☐ a) Uma vagem seca

- ☐ b) Uma cápsula espinhosa
- ☐ c) Uma drupa oval e negra quando madura
- ☐ d) Uma drupa oval e vermelha quando madura

16. Qual destas espécies é considerada exótica invasora em Portugal?

- ☐ a) Gilbardeira (*Ruscus aculeatus*)
- ☐ b) Pilriteiro (*Crataegus monogyna*)
- ☐ c) Tintureira (*Phytolacca americana*)
- ☐ d) Sanguinho (*Frangula alnus*)

17. As flores da dedaleira (*Digitalis purpurea*) são perigosas porque:

- ☐ a) Contêm alcaloides cardíacos
- ☐ b) Têm espinhos
- ☐ c) Causam irritações
- ☐ d) Libertam toxinas voláteis

18. Qual destas árvores é uma conífera de crescimento rápido e madeira resinosa?

- ☐ a) Sobreiro (*Quercus suber*)
- ☐ b) Cedro-dos-Himalaias (*Cedrus deodara*)
- ☐ c) Pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*)
- ☐ d) Camélia (*Camellia japonica*)

19. Qual destas árvores é usada como quebra-vento ou para fixar solos arenosos?

- ☐ a) Sanguinho (*Frangula alnus*)
- ☐ b) Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*)
- ☐ c) Loureiro (*Laurus nobilis*)
- ☐ d) Pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*)

20. Por que outro nome é conhecido o hipericão (*Hypericum perforatum*)?

- ☐ a) Erva-de-São-Pedro
- ☐ b) Erva-de-Santo-António
- ☐ c) Erva-de-São-João
- ☐ d) Erva-de-São-Vicente

SECÇÃO 2

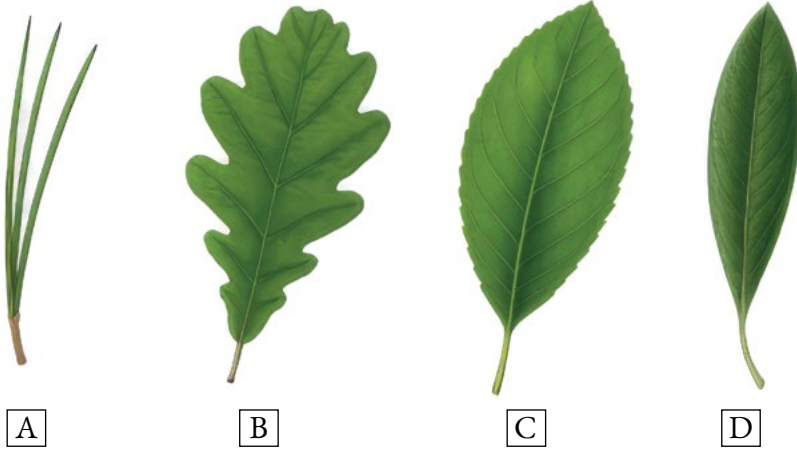
DESAFIO 4

Quem Sou Eu? — Chave dicotómica simplificada

Uma chave dicotómica é uma ferramenta utilizada para identificar seres vivos como plantas, animais ou fungos com base nas suas características observáveis. O termo “dicotómica” significa “dividida em duas partes”, uma vez que, cada passo da chave apresenta duas alternativas opostas. Ao escolher sucessivamente entre estas opções, será conduzido até à identificação correta da espécie.

Utilize as chaves que se seguem para identificar algumas espécies do guia.

Jogo de Chave Dicotómica 1



Qual das imagens representa:

- ☐ Oliveira (*Olea europaea*)
- ☐ Medronheiro (*Arbutus unedo*)
- ☐ Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*)
- ☐ Pinheiro-manso (*Pinus pinea*)

Chave dicotómica:

- 1a. Folhas em forma de agulha (acículas), agrupadas aos pares ou em grupos.
→ **Pinheiro-manso** (*Pinus pinea*)
- 1b. Folhas largas, simples. → 2
- 2a. Folhas com lóbulos profundos, de margem ondulada/lobada. → **Carvalho-alvarinho** (*Quercus robur*)
- 2b. Folhas inteiras, sem lóbulos. → 3
- 3a. Folhas coriáceas (rígidas), com forma estreita. → **Oliveira** (*Olea europaea*)
- 3b. Folhas com margens serradas. → **Medronheiro** (*Arbutus unedo*)

Jogo de Chave Dicotómica 2



A



B



C



D

Qual das imagens representa:

- ☐ Pilriteiro (*Crataegus monogyna*)
- ☐ Gilbardeira (*Ruscus aculeatus*)
- ☐ Aveleira (*Corylus avellana*)
- ☐ Tojo-comum (*Ulex europaeus*)

Chave dicotómica:

- 1
 - 1a. Ramos com espinhos muito evidentes, finos e densos; flores amarelas → **Tojo-comum** (*Ulex europaeus*)
 - 1b. Ramos sem espinhos visíveis ou com poucos espinhos; sem flores amarelas → 2
- 2
 - 2a. “Folhas” rígidas e pontiagudas (em forma de lança) → **Gilbardeira** (*Ruscus aculeatus*)
 - 2b. Folhas de contorno arredondado, sem pontas afiadas. → 3
- 3
 - 3a. Folhas recortadas ou com lóbulos; fruto vermelho, tipo pequena maçã → **Pilriteiro** (*Crataegus monogyna*)
 - 3b. Folhas arredondadas e grandes, fruto castanho → **Aveleira** (*Corylus avellana*)

Jogo de Chave Dicotómica 3



A



B



C



D

Qual das imagens representa:

- ☐ Dedaleira (*Digitalis purpurea*)
- ☐ Hipericão (*Hypericum perforatum*)
- ☐ Alfazema (*Lavandula angustifolia*)
- ☐ Alecrim (*Rosmarinus officinalis*)

Chave dicotómica:

- 1
 - 1a. Flores dispostas em cacho ou espiga alongada, cor roxa ou rosada. → 2
 - 1b. Flores isoladas ou agrupadas, mas não em espiga. → 3
- 2
 - 2a. Corola com flores tubulares em forma de dedal, pendentes. → **Dedaleira** (*Digitalis purpurea*)
 - 2b. Corola com pequenas flores agrupadas, folhas estreitas e aromáticas. → **Alfazema** (*Lavandula angustifolia*)
- 3
 - 3a. Flores amarelas com muitos estames evidentes. → **Hipericão** (*Hypericum perforatum*)
 - 3b. Flores pequenas, azuis ou arroxeadas, com folhas finas e pontiagudas. → **Alecrim** (*Rosmarinus officinalis*)

SECÇÃO 2

DESAFIO 5

Sopa de letras

Encontre nesta sopa de letras os nomes de 10 plantas que integram a flora da cerca do Mosteiro de Tibães. As palavras estão dispostas na horizontal (esquerda para a direita) e na vertical (de cima para baixo).

Palavras a encontrar:

Camélia

Alfazema

Salgueiro

Loureiro

Dedaleira

Hortelã

Gilbardeira

Alecrim

Aveleira

Sobreiro

G	Z	O	Z	V	O	Z	N	Q	D	I	A	Q	Y	S
W	L	D	T	S	K	R	R	Z	E	R	V	B	H	O
Z	F	A	T	A	F	U	H	A	D	A	E	H	O	X
M	K	L	C	L	Z	R	E	L	A	U	L	P	R	P
A	Q	O	V	G	H	A	N	Y	L	D	E	I	T	M
Y	S	U	T	U	K	U	D	J	E	V	I	T	E	Y
N	O	R	D	E	C	D	R	D	I	É	R	S	L	F
C	B	E	Z	I	F	V	I	V	R	I	A	H	Ã	N
H	R	I	N	R	F	É	Y	U	A	Y	P	A	P	A
N	E	R	I	O	U	D	Y	S	W	V	J	F	N	L
U	I	O	G	I	L	B	A	R	D	E	I	R	A	E
Y	R	W	Ô	M	E	Y	C	A	M	É	L	I	A	C
R	O	R	U	G	G	X	B	D	G	G	Q	I	O	R
K	A	I	F	E	U	K	B	E	B	T	Z	F	D	I
L	R	U	X	A	L	F	A	Z	E	M	A	E	I	M

SOLUÇÕES

Desafio 3. Quiz Botânico

- | | |
|-------|-------|
| 1. C | 11. A |
| 2. A | 12. B |
| 3. C | 13. B |
| 4. D | 14. A |
| 5. D | 15. C |
| 6. A | 16. C |
| 7. B | 17. A |
| 8. A | 18. C |
| 9. D | 19. D |
| 10. B | 20. C |

Desafio 4. Quem Sou Eu? — Chave dicotómica simplificada

Chave dicotómica 1

- D** Oliveira (*Olea europaea*)
C Medronheiro (*Arbutus unedo*)
B Carvalho-alvarinho (*Quercus robur*)
A Pinheiro-manso (*Pinus pinea*)

Chave dicotómica 2

- B** Pilriteiro (*Crataegus monogyna*)
A Gilbardeira (*Ruscus aculeatus*)
D Aveleira (*Corylus avellana*)
C Tojo-comum (*Ulex europaeus*)

Chave dicotómica 3

- D** Dedaleira (*Digitalis purpurea*)
A Hiperício (*Hypericum perforatum*)
B Alfazema (*Lavandula angustifolia*)
C Alecrim (*Rosmarinus officinalis*)

Desafio 5. Sopa de letras

G	Z	O	Z	V	O	Z	N	Q	D	I	A	Q	Y	S
W	L	D	T	S	K	R	R	Z	E	R	V	B	H	O
Z	F	A	T	A	F	U	H	A	D	A	E	H	O	X
M	K	L	C	L	Z	R	E	L	A	U	L	P	R	P
A	Q	O	V	G	H	A	N	Y	L	D	E	I	T	M
Y	S	U	T	U	K	U	D	J	E	V	I	T	E	Y
N	O	R	D	E	C	D	R	D	I	É	R	S	L	F
C	B	E	Z	I	F	V	I	V	R	I	A	H	Ã	N
H	R	I	N	R	F	É	Y	U	A	Y	P	A	P	A
N	E	R	I	O	U	D	Y	S	W	V	J	F	N	L
U	I	O	G	I	L	B	A	R	D	E	I	R	A	E
Y	R	W	Ô	M	E	Y	C	A	M	É	L	I	A	C
R	O	R	U	G	G	X	B	D	G	G	Q	I	O	R
K	A	I	F	E	U	K	B	E	B	T	Z	F	D	I
L	R	U	X	A	L	F	A	Z	E	M	A	E	I	M

VII

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- Aas, G., & Riedmiller, A. (1999). *Árvores de folha caduca*. Everest.
- Bingre, P., Aguiar, C., Espírito-Santo, D., Arsénio, P., & Monteiro-Henriques, T. (Coords. Cient.). (2007). *Guia de campo: As árvores e os arbustos de Portugal continental*. In J. Sande Silva (Coord.), *Coleção Árvores e Florestas de Portugal* (Vol. IX). Jornal Público/FLAD/LPN.
- Butin, H. (1995). *Tree diseases and disorders: causes, biology, and control in forest and amenity trees*. Oxford University Press.
- Caldeira Cabral, F. & Telles G.R. (1999). *A árvore em Portugal*. Assírio e Alvim.
- Carapeto, A., Francisco, A., Pereira, P., & Porto, M. (Eds.). (2020). *Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental*. In Sociedade Portuguesa de Botânica, Associação Portuguesa de Ciência da Vegetação – PHYTOS e Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (coord.). *Coleção Botânica em Português* (Vol. 7). Imprensa Nacional.
- Carapeto, A., Pereira, P., & Porto, M. (2021). *Guia da flora de Portugal Continental*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Castroviejo, S. (Ed.). (1986). *Flora ibérica: plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares* (Vol. 13). Editorial CSIC-CSIC Press.
- Courtecuisse, R., & Duhem, B. (1995). *Mushrooms & Toadstools of Britain & Europe. Collins Field Guide*. HarperCollins.
- de Cortes Sánchez-Mata, M., & Tardío, J. (Eds.). (2016). *Mediterranean wild edible plants: ethnobotany and food composition tables*. Springer.
- Botelho, F. (2025). *Ervas que se Comem Silvestres e Saborosas*. Dinalivro.
- Denman, S., & Webber, J. (2009). Oak declines: new definitions and new episodes in Britain. *Quarterly Journal of Forestry*, 103(4), 285-290.
- Dias, G. J. A. C. (2010). *Tibães: o encanto da cerca, o silêncio dos monges e os últimos abades gerais dos Beneditinos*. Museu S. Martinho de Tibães.
- Ellis, M. B., & Ellis, J. P. (1985). *Microfungi on land plants. An identification handbook*. Ottawa Ottawa Field-Naturalists' Club.
- Fernandes, F.M. & Carvalho L.M. (2003). *Portugal Botânico de A a Z – Plantas Portuguesas e Exóticas*. Lidel Edições.
- Flora-On (Sociedade Portuguesa de Botânica). (s.d.). *Flora-On: Flora de Portugal Interativa*. Disponível em <https://flora-on.pt>
- Gomes, P. M. D. C. T. (2011). *Flora da Cerca do Mosteiro de Tibães: contributo para a valorização e divulgação do seu património florístico* (Master's thesis, Universidade de Coimbra (Portugal)).

- Hazard, C., Gosling, P., Mitchell, D. T., Doohan, F. M., & Bending, G. D. (2014). *Diversity of fungi associated with hair roots of ericaceous plants is affected by land use. FEMS Microbiology Ecology*, 87(3), 586-600.
- Humphries, J., Press, J. R., Sutton, D. A., Garrard, I., Hayward, T., & More, D. (1996). *Guia Fapas. Árvores de Portugal e Europa*. JR, Porto, 212-216.
- Jardim Botânico da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). *Flora Digital de Portugal Continental*. Disponível em: <https://jb.utad.pt/flora>
- Kremer, B. P. (1998). *Arbustos silvestres e de jardim*. Everest Editora.
- Loureiro, J. F. (2013). *O papel da Mediação na construção da história contemporânea do Mosteiro de S. Martinho de Tibães (1987-2012)*. Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga.
- Maravalhas, E. (Ed.). (2003). *As borboletas de Portugal*. Apollo Books.
- Mata, A. M. R. & Costa, M. J. D. (Orgs.) (1998). *A Cerca do Mosteiro de Tibães* IPPAR.
- Mata, A. M. R. & Oliveira, P. J. C. & Ramos, A. & Costa, M. J. D. (2022). *Mosteiro de São Martinho de Tibães. Uma visita*. GAMT.
- Oliveira, P. (2005). *A Congregação Beneditina Portuguesa no percurso para a extinção (1800-1834)*. Palimage Editores.
- Page, C. N. (1997). *The ferns of Britain and Ireland (2nd ed.)*. Cambridge University Press.
- Perotto, S., Girlanda, M., & Martino, E. (2002). *Ericoid mycorrhizal fungi: some new perspectives on old acquaintances. Plant and Soil*, 244(1), 41-53.
- Phillips, R., & Grant, S. (1983). *Trees in Britain, Europe and North America*. Pan Books.
- Rushforth, K. D. (1999). *Collins wildlife trust guide: trees: a photographic guide to the trees of Britain and Europe*. HarperCollins.
- Smith, S. E., & Read, D. J. (2010). *Mycorrhizal symbiosis*. Academic press.
- Sociedade Portuguesa de Botânica. (s.d.). *Flora-On: Flora de Portugal Interactiva*. Consultado em 22 de julho de 2025, de <https://flora-on.pt>
- Tavares, A. C., Zuzarte, M. R., & Salgueiro, L. R. (2010). *Plantas aromáticas e medicinais: escola médica do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*, 2ª Edição. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.
- Tutin, T.G. et al. (1978–1992) *Flora Europaea* [5 vol]. Cambridge University Press. Cambridge.
- Ullmann, H. F. (Ed.), Barnard, L. (Ed.), & Double, C. (Ed.). (2008). *Trees & shrubs*. H.F. Ullmann.

AUTORES

FUNDAÇÃO MESTRE CASAIS

Alexandre Lezón Licenciado em Geografia e Planeamento pela Universidade do Minho, exerce funções nas áreas de Gestão, Conteúdos e Comunicação na Fundação Mestre Casais, com responsabilidades na coordenação de projetos institucionais.

Bruno Barbosa Formou-se no Ar.Co – Centro de Arte e Comunicação Visual e trabalhou entre 1995 e 2006 em fotojornalismo, sobretudo em revistas e jornais da área da economia. Após criar a sua própria empresa, especializou-se em fotografia de interiores e arquitetura, atividade que desenvolve até hoje.

LABORATÓRIO DA PAISAGEM

O Laboratório da Paisagem procura ser uma referência nas melhores práticas internacionais em políticas de desenvolvimento sustentável. Fundado em 2014 pela Câmara Municipal de Guimarães e por duas das principais instituições de ensino superior do norte de Portugal, a Universidade do Minho e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, o Laboratório da Paisagem está hoje assente em três eixos de intervenção principais: Investigação e Educação, Gestão de projetos e Candidaturas, e Comunicação e formação ambiental.

Privilegia, deste modo, o conhecimento e o estímulo à inovação através da investigação científica e do apoio ao desenvolvimento de novos projetos na área da sustentabilidade ambiental, ao mesmo tempo que procura transferir o know-how para o território e as suas comunidades, alterando hábitos e comportamentos pela sensibilização dos cidadãos.

Ana Pinheira Investigadora no Departamento de Biodiversidade, Solo, Recursos Hídricos e Economia Circular do Laboratório da Paisagem de Guimarães. Mestre em Ecologia pela Universidade do Minho, tem experiência em projetos de conservação e monitorização da biodiversidade (fauna e flora), bem como na dinamização de atividades de educação e comunicação ambiental. Desenvolve e coordena projetos dedicados ao estudo e ao impacto de espécies exóticas invasoras no concelho de Guimarães e possui ampla experiência na monitorização de cursos de água, conservação e restauração de ecossistemas aquáticos.

Viriato Oliveira Arboricultor há 20 anos, especialista em Arboricultura e Floresta Urbana. É licenciado em Arboriculture and Urban Forestry no Reino Unido. Atualmente, integra o Gabinete de Gestão de Arvoredo Urbano de Guimarães no Laboratório da Paisagem. No passado colaborou com diversas instituições, como Municípios, Fundação de Serralves, Universidade do Minho, entre outras.

Daniel Ferreira Licenciado em Biologia e Geologia e mestre em Engenharia do Ambiente. Com experiência em educação ambiental e comunicação de ciência, integra o

Departamento de Biodiversidade, Solo, Recursos Hídricos e Economia Circular do Laboratório da Paisagem, desenvolvendo atividades de monitorização ambiental e de conservação da biodiversidade.

Guilherme Braga Licenciado em Biologia e Mestre em Ecologia, Ambiente e Território, pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Técnico de Educação para a Sustentabilidade no Laboratório da Paisagem. Experiência em Comunicação de Ciência e Sensibilização Ambiental com públicos de idades variadas.

Susana Falcão Mestre em Ciências da Educação e Licenciada em Engenharia Florestal, com vasta experiência na formação e facilitação de grupos de crianças, jovens e adultos. Atualmente coordena o Departamento de Educação para a Sustentabilidade do Laboratório da Paisagem de Guimarães e é responsável pelo Programa Municipal de Educação Ambiental - PEGADAS. Cofundadora e voluntária do núcleo Re-food Guimarães e da única ONGA de Guimarães, a AVE (Associação Vimaranesse para a Ecologia).

Ana Sousa Mestre em Arquitetura Paisagista pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, com experiência em projetos de restauro fluvial, reflorestação, desenvolvimento de cartografia digital, conceção e planeamento de parques, e estratégias de gestão sustentável do território. Integra o Laboratório da Paisagem em Guimarães, no Departamento de Áreas Verdes, Saúde e Clima.

Sara Terroso Mestre em Arquitetura Paisagista pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Coordenadora de Áreas Verdes, Saúde e Clima no Laboratório da Paisagem, com experiência em projetos de Planeamento, Recuperação, Restauração de Ecossistemas Fluviais, Integração e Gestão Urbanística, de áreas verdes urbanas e/ou rurais. Experiência como formadora em diversas áreas ambientais direcionadas ao público escolar.

Francisco Carvalho Coordenador Geral, Investigação e Inovação do Laboratório da Paisagem de Guimarães onde desenvolve trabalho nas fronteiras entre ciência, políticas urbanas e sustentabilidade. É doutorado em Biologia Molecular e Ambiental pela Universidade do Minho. É ainda professor convidado na Escola de Ciências da Universidade do Minho. Representa o Município de Guimarães a nível europeu como Chair do Grupo de Áreas Verdes e Biodiversidade e Co-Chair da Task Force de Resiliência Climática da EUROCITIES. A sua atividade científica e profissional cruza biodiversidade, natureza urbana e resiliência climática.

MOSTEIRO DE SÃO MARTINHO DE TIBÃES

Joaquim Loureiro Técnico Superior de Educação do Património Cultural, I. P., sendo desde 2019 responsável pelo Serviço de Educação do Mosteiro de São Martinho de Tibães. Licenciado em Educação. Mestre em Educação – na área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão na Formação –, pela Universidade do Minho, com a tese «O papel da Mediação na construção da História contemporânea do Mosteiro de São Martinho de Tibães».

Paulo Oliveira Historiador do Património Cultural, IP, onde exerce as funções de coordenador dos Mosteiros de São Martinho de Tibães, Rendufe, Pombeiro e Vilar de Frades. Licenciado em História. Mestre em História Contemporânea, área de Igreja e Sociedade, pela UCP, com a tese: “A Congregação Beneditina Portuguesa no Percurso para a Extinção (1800-1834)”.

GUIA DA FLORA DA CERCA DO MOSTEIRO DE TIBÃES

A Cerca do Mosteiro de São Martinho de Tibães é um lugar onde a história do mosteiro se lê também na natureza que habita este espaço. Antigos campos agrícolas, pomares, jardins, áreas florestais e matas compõem um mosaico de usos que espelha séculos de vida beneditina, entre o ora et labora, a produção e a contemplação. Hoje, este território de cerca de 40 hectares é reconhecido como um núcleo de elevada diversidade florística, com 195 espécies de plantas vasculares, pertencentes a 167 géneros e 70 famílias, incluindo espécies endémicas da Península Ibérica e plantas com estatuto de proteção em legislação nacional e europeia. O Guia da Flora de Tibães resulta de um trabalho contínuo de inventariação, que vai da criação de um herbário físico – fruto de recolhas, prensagem e identificação rigorosa – à definição de um percurso interpretativo que permite observar no terreno as espécies descritas. Reunindo 50 espécies representativas dos principais habitats da Cerca do Mosteiro de São Martinho de Tibães, o guia apresenta, para cada uma, a descrição morfológica, o estatuto de conservação, o tipo de habitat, espécies associadas e usos tradicionais. Dirigido a quem gosta de natureza, este guia reúne informação, jogos e atividades de campo, tornando a visita ao espaço uma oportunidade de descoberta e aprendizagem. Mais do que um guia de identificação, é um convite a abrandar o ritmo, desfrutar da paisagem e descobrir um património vivo que merece ser conhecido, cuidado e protegido.

Na Coleção de *Ensaïos para a Sustentabilidade* da Fundação Mestre Casais, os temas a tratar e os autores são selecionados de forma a representarem as dimensões ambiental, climática, social, humana e económica da sustentabilidade, no respeito pelos valores do conhecimento, da independência, da transparência, do humanismo e do diálogo, consagrados nos Estatutos da Fundação.



Fundação
Mestre
Casais



UMinho Editora



Universidade do Minho

ISBN 978-989-9350-05-2



9 789899 350052 >